



ANO II — N.º 66 — LISBOA, 20 DE AGOSTO DE 1942
PREÇO: 1 ESCUDO

«ARDINAS», NOSSOS AMIGOS. Com a sua expressão alegre e simpática, este miúdo dos jornais constitui bem um dos tipos mais populares da capital. O seu pregão claro e vibrante é o grito de outros milhares de trabalhadores do seu tamanho e da sua condição que todos os dias que Deus deita ao mundo, de manhã e de noite, quer faça sol, quer faça chuva, enchem Lisboa inteira de cor, movimento e alegria.

(Foto Seródio)

Assim me falou a primeira mulher que em Portugal conquistou o diploma de architecto

Uma reportagem de Manuela de Azevedo



A architecta fala à jornalista. E desta conversa, nasceu a entrevista...

O senhor sabe dizer-me onde fica a rua Gomes Leal? O parzinho de-tégm-se. Ela olha vagamente em volta, como se procurasse reminiscências e éle precisa logo:

— Não s'om os dèstes sítios... Desando mais uns passos, que o par tem pressa de continuar o sonho interrompido.

— O senhor sabe dizer-me onde fica a rua Gomes Leal?

Um senhor vestido de preto leva a mão ao chapéu e pede desculpa:

— Não sou dèstes sítios, venho ali da Estatística...

Acho que os franceses têm boas razões para não conhecerem a nossa geografia. Aqui estamos nós, os portugueses de Lisboa, dentro do bairro social do Arco do Cego, sem saber onde fica a rua Gomes Leal...

Dois policíias, defronte do Instituto de Estatística, dão-me indicações seguras e eu completo o périplo — porque, o leitor sabe, o bairro fica dentro de uma circunferência mais ou menos redonda e eu já tinha começado a volta pelo fim...

Bato à porta do n.º 31 — uma casinha florida, a cheirar bem a rosas, cá por fora, a cheirar bem a tintas, lá por dentro.

É o atelier da architecta D. Maria José Estanco, pouco mais de trinta anos vivas, com uns óculos

antipáticos que por força lhe hão-de dar um ar de senhora professora.

Se assim querem — que assim seja: D. Maria José Estanco, que é architecta, também ensina desenho e trabalhos manuais no Liceu Passos Manuel.

Naquela casinha, porém, é apenas artista — ela e éle, o marido, que é o pintor Armando Luz.

— Como se lembrou de ser architecta?

— Certamente não vai supor que andei a procurar emprêgo que me desse esta condição de ser — ou não ser — em Portugal a primeira mulher a adquirir diploma de architecto.

— Concorde, está claro. Há-de haver outra razão mais forte...

UMA VEZ, FOI NO BRASIL...

— Uma vez em Marília...

Ah! Marília, a cidadezinha paulista do interior, que se fez em oito anos, que conta mais de 300 mil habitantes e que fez o espantoso entusiasmo do nosso compatriota e republicano do 31 de Janeiro, Dr. Ricardo Severo, diante da extraordinária actividade brasileira!

— Foi, então, no Brasil?...

— Estive lá há uns doze anos. Tinha já cursado aqui as Belas Artes. Julgava-me, portanto, bastante instruída em desenho, para dar conta dos erros que certo architecto francês ia semeando na cidadezinha nascente. Comecei, então, a meter-me onde talvez não fosse muito chamada, no que res-

peitava à construção de umas casas que parente meu ali promovia.

— Estou a perceber...

— Daí a algum tempo, tinha criado amor à arte mas verifiquei que o desenho que aprendera me não chegava para levantar e destruir construções. Voltei a Lisboa. Matriculei-me na Escola das Belas Artes. Antes, porém, quis saber a opinião do professor e meu amigo João Piloto, que depois havia de ser meu argüente. Ele encorajou-me — e conclui o curso em 1935.

— Mas só agora defendeu tese.

— Pois foi. Sabe lá quantas resistências passivas tive que vencer! Depois, defender tese não é coisa que se faça com as facilidades ma. Iais que pode supor...

— Quantos anos gastou para se diplomar?

— Exactamente doze anos. Hoje já se faz o curso em menos tempo — mas também há quem o faça em muito mais... É claro que, neste tempo, deve incluir os anos que fiquei à espera de oportunidade para apresentar a minha tese...

— E qual foi o assunto que escolheu?

— «Um jardim-escola no Algarve». Como mulher e como professora, portanto duplamente inclinada a interessar-me por assuntos infantis, tinha que ser éste o tema a escolher...

— Encontrou dificuldades, no acto?

— Assim, assim; não tenho de quem me queixar... a não ser dos risinhos com que às vezes acolhe-

ram as minhas afirmações como, por exemplo, quando disse que estava ali a defender o direito que tôdas as mulheres portuguesas têm de ser architectas...

DUAS PREGUNTAS PARA VARIAR...

Eu também me rio — sem malícia — e, para variar o assunto da entrevista, pergunto:

— Fuma?

— As vezes. Não é por vício nem por snobismo. De resto, acho que a mulher tem muitos mais motivos do que o homem para ser superior aos vícios...

— É gulosa?

— Sou superior aos vícios, já lhe disse...

— Perdão...

— Gosto dos chás e das reuniões. Eu e meu marido recebemos aqui os nossos amigos — artistas, escritores, bons leitores... — tôdas as terças e sextas-feiras.

— Tomo nota, está claro...

— Bem. Tem um diploma. Mas tira dèle proveito?

— Naturalmente que só com éle não viveria... Mas ganho dinheiro: projectos de casinhas de campo, na provincia, arranjos de chaminés e de escadas... Já não é mau — que é assim que se começa. De resto, é preciso que lhe diga: a mentalidade do nosso povo ainda dispensa a cooperação do architecto. E, quando paga, paga mal. Até mesmo êsses bons nomes da nossa architectura contemporânea, pode crer que não ganham o que receberiam em qualquer outro país... De um modo geral, todos os que mandam fazer uma casa se arranjam com um «jeitoso». Nesse ponto, creio que não estão ainda suficientemente assegurados os interesses dos architectos, por meio de uma legislação comprehensiva.

A «BLAGUE» DO ESTILO PORTUGUÊS

— O que me pode dizer sobre o meio, a casa?

— A casa tem que se cingir ao meio. Ele é que dita. Não é possível tirar partido de uma construção de linhas ultra-modernas, no meio de uma vila ou aldeia onde as construções têm o seu carácter regional.

— Mas o chamado estilo português?...

— É uma «blague». Há apenas os estilos regionais — cada um afecto ao clima, aos costumes, às condições da terra e da alma humana...

— Mas...

— Ah! sim... Mas é de certo modo fácil pegar em cada um dèsses motivos: os beirais do Minho, a escada alpendrada da Beira, a chaminé do Alentejo — e juntar tudo, declarando: aqui está o es-

tilo português. Não duvido que dessa conjugação de pormenores saia uma construção airosa, o mais airosa, mesmo... Mas, seriamente, não se pode dizer que esse é o estilo português— a menos que fixemos esse estilo, a partir do primeiro quarto do século XX...

— Qual é o estilo que mais lhe interessa?

— A grande arquitectura de linhas sóbrias. Mas não é esse o género de construção que mais deve convir à mulher que é architecta. Para esta, precisamente, deve ficar reservada a casa de habitação. É intuitivo: se a casa é para a mulher, cujo espírito ali pontifica— porque há-de ser o homem a dar leis na posição das janelas, no tamanho e divisão dos compartimentos? É um assunto de mulheres, para mulheres...

— Portanto, a architecta deve apenas traçar o risco das habitações...

— Também a escola lhe deve ser reservada, por motivos absolutamente compreensíveis. Sou professora do ensino liceal e o trabalho que apresentei na minha tese referia-se a uma escola infantil. Não foi por acaso, como deve compreender...

— Evidentemente...

O PROBLEMA DO ENSINO INFANTIL

— O problema— porque o facto continua a ser um problema— da educação infantil, interessou-me sempre. De modo que fiz por estudá-lo e compreendê-lo. Primeiro no próprio círculo da minha actividade, onde verifiquei que não residiam as causas da deficiência. Foi, então, à escola de instrução primária, vi e ouvi alunos e professores que me levaram a concluir que o mal também já não começava. As mãos do professor ou da professora iam parar as crianças já deformadas no melhor da sua espontaneidade ou «enformatura» mal, por uma educação por via da deficiência. O mal, a

rua, eram afinal a semente da desordem psicológica e mental da criança. E essa desordem, essa deformação só poderiam não existir, se a criança, ainda antes de ir para a escola primária, pudesse ter uma escola que o lar ou a rua não podiam dar-lhe. Daí, dedicarme ao estudo dos jardins-escolas— um assunto já por mim estudado no Brasil que olhou a sério o problema. E daí, também, a razão por que a minha tese se intitulava: «Um jardim-escola no Algarve».

A sr.^a D. Maria José Estanco, que há meses de facto defendeu tese na Escola Nacional de Belas Artes, mostra-me o projecto em que trabalhou carinhosamente:

— Foi preciso olhar a tudo: aos horários, à parte pedagógica, aos programas, às condições de clima, à idade dos pequenitos...

— Será construído este jardim-escola?

— Trata-se, como vê, de um trabalho profundamente inspirado na obra de João de Deus. Tenho esperança de que será construído o edificio, por iniciativa da Associação que o dr. João de Deus Ramos dirige. Talvez em Faro, talvez em Loulé, que é a minha terra...

— Enfim, vejo que tem convicções assentes, a respeito da sua nova profissão...

— Assentes! A architectura é uma arte, ou talvez uma ciência absolutamente construtiva, em opposição ao espirito destruidor do nosso povo...

UM BOCADINHO DE MÁ LÍNGUA...

E, depois de uma pausa:

— Já reparou que os portugueses têm a mania da destruição? Não é só no plano mental, a que andam ligadas fórmulas de actividade política, artística e literária. Mas até mesmo no meio material que os rodeia. Não é preciso ir mais longe: olhe para essas ruas de Lisboa! Há uma rua apertada? Deita-se a casa abaixo! Há um pédio arruinado? Deita-se abaixo!

Não posso deixar de ter reparado... Todos nós temos reparado...

— É por isso— diz a sr.^a D. Maria José Estanco— que Lisboa tem tão triste aspecto: bocarras, manchas de paredes, maxilas desdentadas, por aí fora... Ora, a função, a mentalidade e o esteticismo do architecto tem que se revoltar contra este espirito de destruição. E mau? Mas deixe-se ficar, enquanto não há melhor. Uma construção tem qualquer coisa de sagrado que é preciso respeitar... O homem— e, já agora, a mulher...— deve pensar em construir e não em destruir. Antes de deitar abaixo, é preciso ter à mão todas as possibilidades de nova realização.

— É intransigente no seu principio?

— Não sou intransigente com o mal que existe, como factor psicológico, ora aí tem. De resto, como poderia ser intransigente, se não sou, eu própria, imutável nas minhas ideias e me permito o luxo, como portuguesa e mulher, de fazer a minha criticazinha?...

— Uma pergunta, ainda: acha que a mulher deve ser vedado o exercicio de certas funções sociais?

— De um modo geral, e assim visto o problema na sua linha ampla— acho que não. Talvez que a prática nos apresente alguma excepção, não sei. Mas posso concluir que, não considero qualquer problema irremovível. Não temos já a mulher de armas na mão? Ora aí tem o que faz a prática e a circunstância real...

UM PONTO SOCIAL...

— De certo não se esquece do caso moral...

— Pois claro que não. O caso moral, porém, está apenas no caso do lar e da educação. A rapariga, lado a lado do rapaz, desde o primeiro despertar para a vida, está apta, se lhe não faltar bom exemplo e bom conselho, a ter em seu lar o comportamento...

pensável à sua qualidade de mulher.

«Quando quis matricular-me na Escola Politécnica, minha mãe, que era profundamente religiosa, aconselhou-se com o bispo do Algarve, um santo homem que conhece a vida e as almas. Sabe o que elle respondeu a minha mãe, que me tivera sempre a seu lado na provincia e receava por mim em Lisboa?— «Então não sabe como educou a sua filha? Deixe-a ir e confie...»— Era um padre que assim falava, um homem bom e só bom...

A sr.^a D. Maria José Estanco continua:

— Vim e não tive de que me arrepender. A mulher, posso hoje dizer-lhe, deve ser o melhor camarada do homem. Aquéles rapaziços que passam pela minha vista no Liceu, não me canso de lho ensinar...

...E UM PONTO FINAL...

— Não tem filhos?

— Infelizmente, não. Dou aos filhos dos outros, que é como quem diz, aos meus alunos, a ternura que poderia dar aos meus... Chamo-os para aqui, mostro-lhes os nossos trabalhos, os meus e os de meu marido, oferecemos-lhes lanche, damos-lhes a lição do nosso trabalho. Por exemplo, mostramos-lhes o mobiliário desta casa, que foi por nós desenhado, talhado, aplinado, pintado e estofado... Sim, tudo feito por nós!

Já me sinto abismada. E penso, em ar de contrição, que todos nós somos bem injustos quando dizemos, sem nos lembrarmos de boas excepções: a mulher portuguesa? Ai a têm— burguezinha dos pés à cabeça, que é como quem diz: desde a «permanente», até às unhas dos pés, pintadas de vermelho; desde o folhetim da manhã, até ao livro de capa azul, para o serão; desde os cuidados de maquiagem por instincto, ao modo das escolas benfazejas, desde da vida... É melhor ficar por aqui...

Não é verdade, leitor, que há belas excepções?



Neste ambiente de arte, D. Maria José Estanco vive entregue aos seus projectos de artista e aos seus anseios de mulher...

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XIII-Quanto vale uma esquadra

2

O EPISÓDIO DE ORAN

O episódio de Oran (Mers-el-Kebir) teve repercussões dramáticas que se não registaram durante a ocupação dos navios franceses que se haviam refugiado em portos britânicos nem no incidente de Alexandria. Desde a data em que o governo de Londres se convenceu de que o marechal Pétain e os seus colaboradores estavam decididos a concluir uma paz separada com o inimigo comum, que no Almirantado haviam sido previstas as medidas necessárias para evitar que os navios da esquadra francesa caíssem nas mãos dos alemães. Essas precauções incluíam a hipótese do afundamento da esquadra francesa como última solução, embora os meios britânicos confessassem que só muito constrangidos se decidiriam por uma medida tão violenta.

A maior parte da esquadra francesa refugiara-se em Oran. Neste porto encontravam-se os mais modernos couraçados da França, o «Dunkerque» e o «Strasbourg», de 26 mil toneladas, unidades consideradas pelos técnicos de todo o mundo como a última palavra da construção naval, os navios de linha «Provence» e «Bretagne», o transporte de aviação «Commandant Teste», vários cruzadores, contratorpedeiros, navios auxiliares, submarinos, etc. Esta frota, cuja eficiência militar era notória, encontrava-se sob o comando superior do almirante Gensoul, um dos mais reputados oficiais da armada francesa.

Decidido a não permitir que ela viesse a ser utilizada, o Almirantado delegara a missão de convencer o almirante Gensoul e, no caso de isso se não poder fazer, de submeter os navios



Vice-almirante Somerville

franceses pela força, no almirante Somerville, oficial conhecido pelas suas qualidades e especialmente designado para aquêle efeito pelas relações de excelente camaradagem que sempre mantivera com os oficiais franceses durante o período em que fôra estreita a colaboração entre os dois países. Para o auxiliar no desempenho da tarefa delicada que lhe fôra cometida, o Almirantado pôs às ordens do almirante Somerville, o capitão de mar e guerra Holland, oficial de ligação entre as esquadras francesa e britânica e amigo pessoal do almirante Darlan, comandante chefe da esquadra francesa, e do almirante Gensoul, comandante da esquadra francesa fundada em Oran.

POSICÕES IRREDUTÍVEIS

Somerville, tinha sob as suas ordens uma esquadra poderosa, que incluía várias unidades de linha, entre as quais o «Hood», o «Valiant» e o «Resolution»; o porta-aviões «Ark Royal», cruzadores, contratorpedeiros, etc. Na manhã de 3 de Julho de 1940, a esquadra britânica dirigiu-se para Oran. Quando, isso foi possível, o «Hood» transmitiu aos navios franceses a seguinte comunicação: «O capitão de mar e guerra Holland, delegado do almirante Somerville, precisa ir a bordo do «Dunkerque» para falar com o almirante Gensoul, comandante da esquadra francesa do Atlântico. Esta entrevista deve realizar-se sem demora».

A resposta, que partiu do «Dunkerque», não se fêz esperar: «O almirante Gensoul receberá o capitão de mar e guerra Holland logo que este chegue a bordo do «Dunkerque».

Ao mesmo tempo que transmitia esta resposta, o almirante Gensoul dava ordens aos seus navios para que estivessem prontos para qualquer eventualidade. A esquadra francesa acendeu as caldeiras e os homens tomaram os seus postos de combate.

Chegado a bordo do «Dunkerque», o capitão de mar e guerra Holland procurou tratar o assunto delicado que justificava a sua visita o mais amavelmente possível. Pôs para isso em jogo, além das suas qualidades de sedução pessoal, tôdas as vantagens que resultavam das suas relações pessoais com o almirante Gensoul e dos serviços que, em mais duma ocasião, prestara à França. Esses serviços haviam-lhe valido a concessão da Legião de Honra, cujas insígnias ostentava quando se dirigiu ao «Dunkerque».

Mas as posições dos dois homens eram irredutíveis e não havia argumentos que fizessem desviar qualquer dêles da resolução tomada. O almirante Gensoul tinha instruções concretas do seu governo e não desejava que no espirito do seu interlocutor restasse a mais ligeira dúvida sobre a intransigência com que as cumpriria, mesmo que isso houvesse de trazer o sacrifício dos navios e dos homens que se encontravam sob as suas ordens. Por isso o diálogo que se estabeleceu entre ambos, embora dramático, não conduziu a qualquer resultado positivo. No final as palavras cordeais foram substituídas pelos documentos decisivos.

UMA TENTATIVA DE CONCILIAÇÃO

Em nome do almirante Somerville, o capitão de mar e guerra Holland acabou por entregar



Capitão de mar e guerra Holland

a Gensoul um documento extenso em que se explicava a atitude inflexível de Grã-Bretanha naquela terrível emergência:

«Não podemos permitir, dizia-se nesse documento, que os magníficos navios que se encontram sob o seu comando caiam em poder dos alemães ou dos italianos. Estamos decididos a combater até o fim e, se vencermos, restituiremos à França a sua esquadra. Mas não consentiremos que ela seja utilizada contra nós.»

O documento entregue a Gensoul apresentava duas modalidades para a realização daquêle pensamento inflexível:

1.º a esquadra francesa, fundada em Oran, juntar-se-ia à esquadra inglesa continuando, em comum, a luta contra a Alemanha até à vitória final.

2.º os navios franceses navegariam, com guarnições reduzidas, e sob a direcção do almirante inglês, para portos britânicos, comprometendo-se o Almirantado a fazer repatriar, o mais rapidamente possível, as respectivas tripulações.

O dilema era trágico e Gensoul não podia aceitar nenhuma das soluções encaradas em Londres. O documento entregue pelo capitão de mar e guerra Holland previa isso mesmo e a sua parte final era concebida nestes termos:

«Se estas propostas não forem aceites, exijo, com profundo pesar, que os navios franceses sejam afundados no prazo máximo de seis horas. Não sendo dado cumprimento a estas indicações há ordem do governo de S. M. para empregar todos os meios necessários a fim de evitar que os navios franceses possam vir a ser utilizados em prejuizo da Grã-Bretanha.»

Nenhuma esperança de acôrdo podia subsistir. Foi isto mesmo que ficou posto em relêvo entre os dois amigos pessoais que a fatalidade ia separar irremediavelmente.

— A esquadra inglesa, concluiu Holland, dominará, pela força, os seus navios de maneira a que eles fiquem inutilizados.

— Responderei pela mesma forma, replicou Gensoul. Aguardo a agressão britânica. Mas os agressores podem ter a certeza de que a minha resolução é inabalável e de que é inútil insistir sobre este assunto tão penoso.

O FOGO INFERNAL DO «HOOD»

Rolland retirou-se para o «Hood», onde se encontrava o almirante Somerville. A resposta francesa foi rapidamente comunicada a Londres e a indicação definitiva chegava do Almirantado pouco depois: «Cumpra a missão que lhe foi confiada antes de anoitecer.»

Efectivamente, antes que o sol desaparecesse no horizonte a luta iniciou-se com uma violência enorme. O «Hood» abriu fogo contra a esquadra francesa que se encontrava com as caldeiras acesas e as guarnições a postos. Gensoul, logo que as peças do «Hood» dispararam o primeiro tiro, transmitiu aos seus navios esta ordem: «Sair, a todo o custo, para Toulon. Responder imediatamente ao ataque.» Entretanto os aviões do «Ark Royal» vinham lançar bombas de profundidade à entrada da base naval, dificultando os movimentos dos navios franceses. Enquanto todos os navios de linha britânicos vomitavam metralha, os navios franceses disparavam e procuravam abrir caminho no meio do trágico duelo de artilharia. O primeiro que tentou essa solução, o condutor de flotilha «Mogador», foi vivamente alvejado e acabou por se incendiar e encalhar.

Depois o fogo britânico concentrou-se sobre os navios de linha franceses. O «Bretagne» foi atingido por várias salvas. O couraçado começou a arder e as explosões a bordo sucederam-se, dando ideia da gravidade dos ferimentos recebidos. Em pouco tempo afundou-se em seguida a uam explosão mais violenta. Alguns tripulantes que se lançaram à água conseguiram salvar-se. Mas o balanço das perdas em vidas era desolador: 40 oficiais e cerca de mil marinheiros mortos.

Sucessivamente outros navios foram sendo atingidos. O «Commandant Teste» foi dos primeiros e a sua tripulação não insistiu em sair. Depois o «Provence» recebeu também duas salvas. A bordo deram-se três explosões, uma das quais na casa das máquinas. Estava impossibilitado de navegar. Só lhe restava um recurso: encalhar. Foi isso que fez.

O logo do «Hood» era infernal. Mas a parte principal da tarefa que devia cumprir ainda se não havia sequer iniciado. Para o Almirantado tratava-se, sobretudo, de pôr fora de combate os dois magníficos navios de 26 mil toneladas que eram um legítimo título de orgulho da Armada francesa.

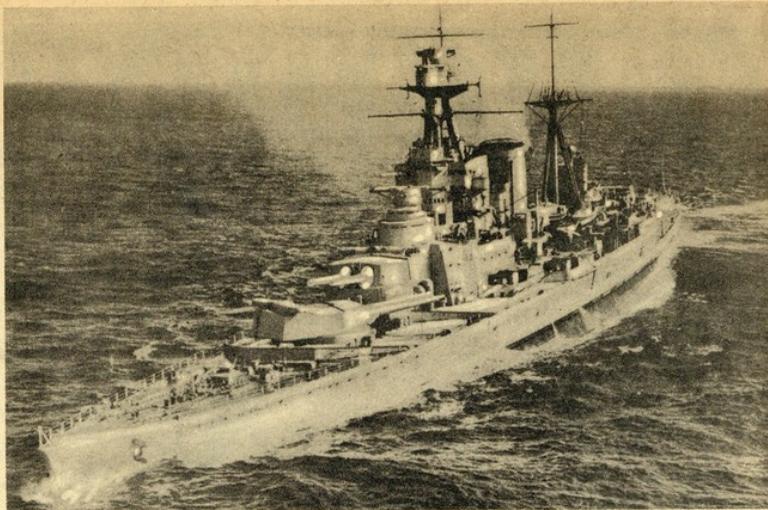
COMO O «DUNKERQUE» FOI ATINGIDO

O «Strasbourg» e o «Dunkerque» continuavam a disparar. Uma salva do primeiro atingiu, mesmo, o «Hood». Ambos, escoltados por contratorpedeiros e submarinos, procuravam fugir ao círculo de fogo traçado à sua volta pelos canhões britânicos e alcançar a base de Toulon.

O «Strasbourg», com a banda de bordo a tocar a «Marselhesa», passou velozmente, no meio dos navios incendiados sob a chuva dos canhões atacantes. Com os navios que o acompanhavam, pôde realizar o objectivo assinalado por Gensoul. O «Dunkerque» não teve a mesma sorte. Atingido no paiol das munições, foi sacudido por uma explosão violenta e começou a meter água. Gensoul, que se encontrava a bordo, teve um único pensamento: salvá-lo. Com uma rápida manobra, o navio aprou à terra e encalhou. Não se afundara mas ficaria, decerto por muito tempo, incapaz de combater.

Com a noite terminara a acção britânica, que fora rápida, decisiva e mortífera. Havia centenas de mortos. Com o luto misturava-se a cólera impotente dos vencidos. No funeral das vítimas, realizado em Oran, o almirante Gensoul verberou a agressão britânica com expressões particularmente duas. Em Toulon, ao receber o «Strasbourg», Darlan proferiu também uma alocução violenta em que a atitude da Grã-Bretanha era verberada com energia.

No dia seguinte o ponto de vista britânico



O cruzador de batalha «Hood» — o maior navio de guerra do Mundo — fotografado de avião

era exposto nos Comuns por Winston Churchill.

«O almirante Gensoul e os seus oficiais têm direito à nossa compreensão. Obedeceram às ordens recebidas do seu governo mas não repararam que, por detrás deste governo, estava o governo alemão. Recelo que as perdas francesas fôsem pesadas. Fomos obrigados a empregar a força e ouviram-se, durante a luta, muitas explosões. O almirante Somerville comunicou-me que a sua esquadra está, sob o ponto de vista militar, intacta e pronta a entrar novamente em acção. A maior parte da esquadra francesa passou assim para as nossas mãos ou foi colocada fora do alcance da Alemanha. Acerca dos restantes navios franceses que andam no mar nada direi a não ser que é inflexível a nossa decisão de evitar que eles também venham a cair nas mãos dos alemães. Entrego o julgamento da nossa atitude ao parlamento, à nação, aos Estados Unidos e à História.»

O «RICHELIEU» EM DAKAR

No dia 7 de Julho, quatro dias depois do episódio sangrento de Oran, franceses e ingleses voltavam a defrontar-se em Dakar. Neste porto da costa ocidental de África encontravam-se o navio de linha francês «Richelieu», de 35 mil toneladas, vários avisos, contratorpedeiros e submarinos, constituindo uma formação naval de certa importância. Comandava-a o almirante Landriau. Foi a esquadra inglesa do Mediterrâneo Ocidental, que tinha operado em Oran, que voltou a actuar. Em vez do porta-aviões «Ark Royal» era acompanhada por outras duas unidades desta classe: o «Eagle» e o «Hermes».

O primeiro rádio britânico para os franceses informava-os de que iria a bordo um delegado com instruções para se avistar com o almirante Landriau. Logo em seguida um contratorpedeiro inglês destacou-se e avançou para o «Richelieu». A resposta foi um radiograma do almirante francês concebido nestes termos: «Se o contratorpedeiro continuar a sua marcha abriremos fogo sobre ele». O contratorpedeiro retrocedeu e em seguida houve nova troca de explicações pela telegrafia sem fios. Os ingleses insistiam por uma conversação prévia antes de se iniciar qualquer acção. Os franceses recusaram-se. Por fim ficou assente que a conversação se realizaria utilizando os sinais de bordo. Foi assim que o almirante inglês fez saber ao seu camarada francês as condições postas à esquadra refugiada em Dakar e que eram sensivelmente idênticas às que haviam sido apresentadas a Godfrey e a Gensoul, em Alexandria e Oran.

Landriau respondeu que eram inaceitáveis essas propostas e que considerava inútil prosseguir um diálogo que não podia conduzir a qualquer conclusão prática. Assim decorreram a manhã e a tarde do dia 7, sem que pudesse ser tomada qualquer resolução. Do navio almirante inglês comunicaram para Londres o que

se passava e, em resposta, receberam instruções precisas para executar as instruções que se adequavam às circunstâncias criadas pela resistência dos franceses.

Durante a noite, o «Richelieu», mergulhado numa obscuridade total, manteve a guarnição nos seus postos, pronta para a luta. Os navios ingleses estavam também com as luzes apagadas mas entre as autoridades de Dakar não havia dúvidas sobre as intenções dos homens que os comandavam.

UM PIGMEU E UM GIGANTE

Em certa altura, pela calada da noite, um pequeno gasolina destacou-se da esquadra britânica, conduzindo a bordo um oficial, o capitão-tenente Bristord, e seis praças. A bordo iam cargas de dinamite. A sua missão consistia em imobilizar, por um período indeterminado um poderoso couraçado de 35 mil toneladas, que era também a mais moderna unidade naval de todo o mundo.

A bordo do «Richelieu» ninguém deu pela aproximação do minúsculo gasolina. Entre os tripulantes deste último tudo estava combinado. Não havia necessidade de trocar palavras supérfluas. As cargas de dinamite foram colocadas na água e ligadas por um fio ao gasolina. Este afastou-se velozmente. Quando ia a uma distância de mil metros do couraçado ouviram-se três explosões sucessivas. Era a altura em que seis aparelhos dos porta-aviões voavam baixo sobre o «Richelieu», chamando a atenção dos seus tripulantes que acorreram a guarnecer as peças anti-aéreas. Esta acção combinada produziu os seus efeitos.

Quando se retirava, o motor do gasolina parou e o local onde ele se encontrava foi varrido pelos projectores do «Richelieu». Mas os franceses estavam mais preocupados com os aviões que voavam sobre o seu dorso imponente do que com a pequena embarcação que inutilizara, com um rasgo de audácia, o gigante ali fundado.

O «Richelieu» ficou com as hélices e o leme escacelados, impossibilitado de navegar enquanto durasse a guerra, pois em Dakar não há instalações adequadas para a reparação das avarias que ele sofrera. Adornou para bombardeio e a sua pópa mergulhou profundamente na água. Só a rapidez com que funcionaram os compartimentos estanques impediu que se afundasse. Um rasgão no costado, com 12 metros de largura e 8 metros de altura, atestava a eficácia do artil britânico.

A esquadra britânica afastou-se. De bordo enviou ao «Richelieu» um radiograma: «Manifestando o meu profundo pesar pela acção que me foi necessário realizar, a fim de impedir que esse navio venha a ser utilizado pelo inimigo, exprimo a minha esperança de que dessa acção não haja resultado qualquer vítima, mas apenas o mínimo de prejuízos materiais que, nas actuais circunstâncias, eram indispensáveis.»

(Conclui na pág. 20)

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

AGORA que o período dos exames pode considerar-se virtualmente terminado, não é inoportuno, segundo nos parece, fazer algumas considerações acerca de tais actos escolares. Há quem afirme que o ensino está exageradamente complexo, que os programas são bastante difíceis e que os professores estão cada vez mais exigentes. Não falta quem diga simplesmente que os alunos sabem cada vez menos. O certo é que os exames ceifam cada ano uma larguíssima percentagem de ilusões. As culpas devem atribuir-se justa e proporcionalmente a todos: aos reformadores, aos professores e aos alunos. As matérias são vastas, os professores — pelo menos alguns — quasi ferozes; os alunos — tantos deles — pouco aplicados. Os cursos convertem-se numa dura caminhada; os exames numa inglória devastação. Talvez por isto, chegadas estas épocas, nos lembra o velho professor Caldas Aulete, bondosa alma e generoso coração, a quem Ramalho dedicou nas «Farpas» algumas páginas inesquecíveis. Nos exames em que interrogava como vogal do júri, sempre que o examinado errava, Aulete, depois de lhe ter dado a noção que o aluno não possuía, repetia-lhe a pergunta, ouvia-lhe a resposta que lhe tinha ensinado e exclamava finalmente:

— Andou muito bem! Estou muito satisfeito!

Não reprovava fosse quem fosse e, uma vez mesmo, a um colega que lhe notava impiedosamente este facto, ele não hesitou em retorquir, numa significativa ironia:

— Os outros professores que façam como eu: ensinam os alunos, e logo escusam de os reprovarem!

UM NOVO CAPITALISTA

SEGUNDO nos informam, o illustre escritor Ferreira Gomes recebeu agora uma herança constituída por herdades no Alentejo. Houve já quem o visse, em pleno Rossio, de jaqueta de alamares e chapéu alentejano, falando dos seus milhões. Se os capitalistas são aquelas pessoas que podem cometer livremente os pecados capitais, — não nos custa aceitar que este novo capitalista, abrindo generosamente os cordões à bolsa, abra gloriosamente uma excepção à regra.

UM DIÁLOGO

O dr. José Ribeiro dos Santos encontrou, uma tarde destas, o editor António Maria Pereira. Falaram de livros, claro. A certa altura veio à baila «O Gato doído».

— Sabe? — diz o editor — vai em 7.500...

Imediatamente Ribeiro dos Santos:

— Mas então tem diminuído. Começou por 12.500, não foi?

EVARITSKY



O pianista Campos Coelho ou, com mais amplitude, o illustre pianista Evaristo de Campos Coelho é — talvez quantos o ignoram — um dos nossos melhores fotógrafos amadores. De máquina em punho tem retratado tudo. Não é demais que agora o retratemos a ele — embora sem outra objectiva que não seja a nossa pena de tinta permanente. Quieta... Um momento... Já está... Muito obrigado a V. Ex.ª... Vamos lá a ver agora a fotografia...

Campos Coelho parece-se imenso numa coisa com Mirita Casimiro: também nasceu em Viseu. E, por consequência, beirou cem por cento. Tem 39 anos, pelo menos — e aos seis realizou o seu primeiro concerto. A música estava-lhe na massa do sangue. Desde pequeno que o consideravam um virtuoso. Um belo dia entrou para o Conservatório como aluno: no dia seguinte entrava para lá — como professor. A sua fama não tardou a ultrapassar as fronteiras, levando o melhor de todos os passaportes — o do talento. É um Mestre. Mais: é uma das águias dos Caetanos. Quando ele passa — curvamo-nos: quando ele toca — erguemo-nos. Um único ponto traco se pode apontar-lhe e que constitui, de certo modo, o seu calcanhar de Aquiles. O seu primeiro nome: Evaristo. Contra o Evaristo protestamos. Mas reconhecendo que Campos Coelho não pode, nesta altura, deitar fora o Evaristo, ao menos que assinie Evaritsky — à semelhança do seu eminente colega Koubitsky — Evaritsky de Campos Coelho...

REGISTO LITERÁRIO

A Calçada da Glória regista e agradece os últimos volumes recebidos: *Marido Fiel*, romance de João Gaspar Simões em que se afirmam, mais uma vez, as infatigáveis virtudes literárias dum escritor a quem a circunstância de ser um «critico» impõe ainda mais

fortes responsabilidades: *A Vida continua...*, romance de Augusto Casimiro, duzentas páginas reveladoras de que um esplêndido poeta pode igualmente escrever em prosa, sem se diminuir aos olhos dos que liricamente o têm aplaudido: *Beldemónio*, estudo de Carlos Sombrio em que se foca, com plena probidade, a figura literária de Eduardo

de Barros Lobo: *Palavras para os Novos*, discurso de Jacinto Carreiro, cheio de erudição e de comunicativa sinceridade; *O Caso do Professor Zarok*, de Octávio Marialva cujo talento deve ser bastante superior à despretenciosa novela que escreveu.

A PÉ

ROCHA Martins nas palavras com que quis gentilmente acompanhar o envio do seu último livro sobre São Francisco Xavier, o *Apóstolo das Índias*. — livro admirável sob o ponto de vista histórico, literário e até gráfico — fala-nos desta página e diz-nos, a propósito, que a «Calçada da Glória» nunca a subiu — senão a pé. Muito nos apraz registar, para os devidos efeitos, a rigidez dos seus músculos — e a fortaleza do seu coração.

TRATADOS

SEGUNDO lêmos há poucos dias, no começo da actual guerra estavam em vigor, entre as várias nações do mundo, nada mais, nada menos do que 25.000 tratados. É um número extraordinário. Em todo o caso, o número de tratantes deve ser muitíssimo maior...

PROFISSÃO

RECENTEMENTE na Boa-Hora um juiz perguntou ao acusado:

— Qual é a sua profissão?

Resposta:

— Prisioneiro do Estado.

Gargalhada geral.

AMAR OU MORRER

LORD Byron afirmou um dia: — É mais fácil morrer pela mulher que se ama — do que viver com ela.

Quem não estiver de acordo com Lord Byron, faça favor de levantar um dedo!

ANÚNCIOS

QUEM examinar os réclames dos jornais, em matéria de teatro, só encontra «o grande êxito», «extraordinário espectáculo», «a comédia preferida», «o maior triunfo de todos os triunfos», etc. Oh! claras mentiras! Mas se isto fô-se assum — não eram necessários réclames...

TEATRO DE FANTOCHES

LISBOA vai ter, em breve, um Teatro de Fantoches, em moldes modernos. Chama-se *O Teatro de Mestre Gil*. Dirige-o artisticamente o monólculo de Augusto Santa Rita. Alegrai-vos crianças — sem distinção de idades. Desde velhos de fraldas a bebés barbudos — todos lá terão o seu lugar... Quanto não terão a agradecer ao animador financeiro José Gomes Ferreira!

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



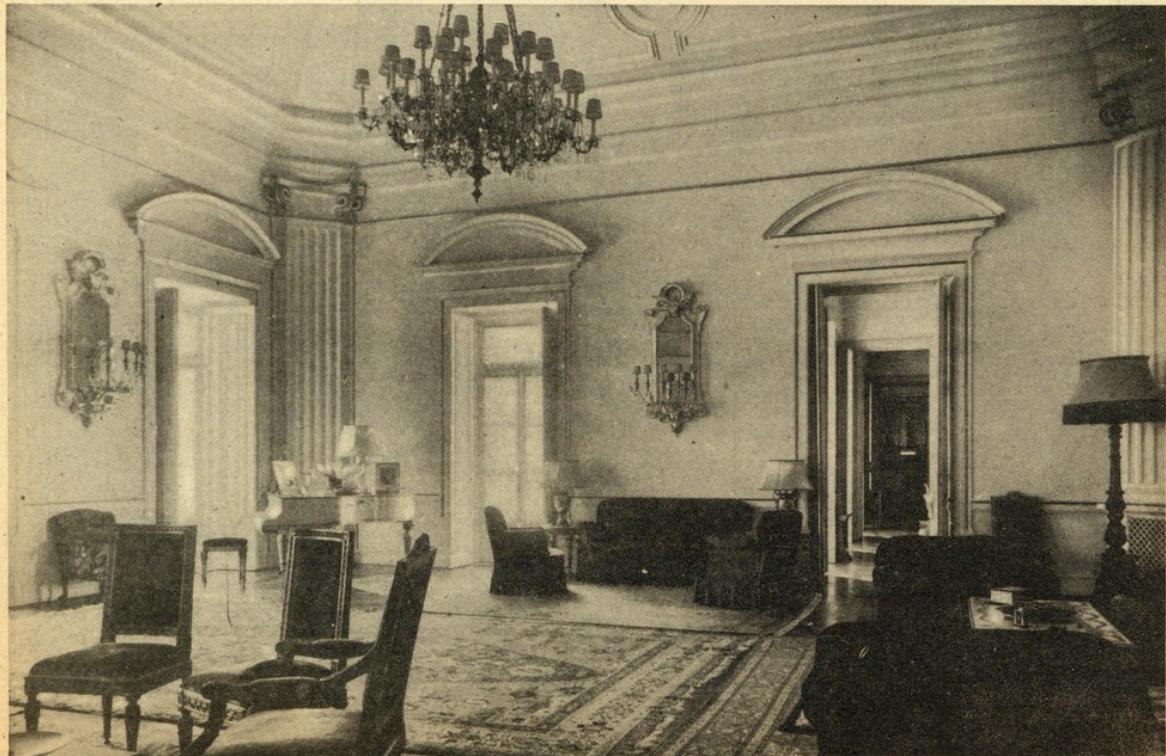
DIPLOMATAS ESTRANGEIROS EM PORTUGAL

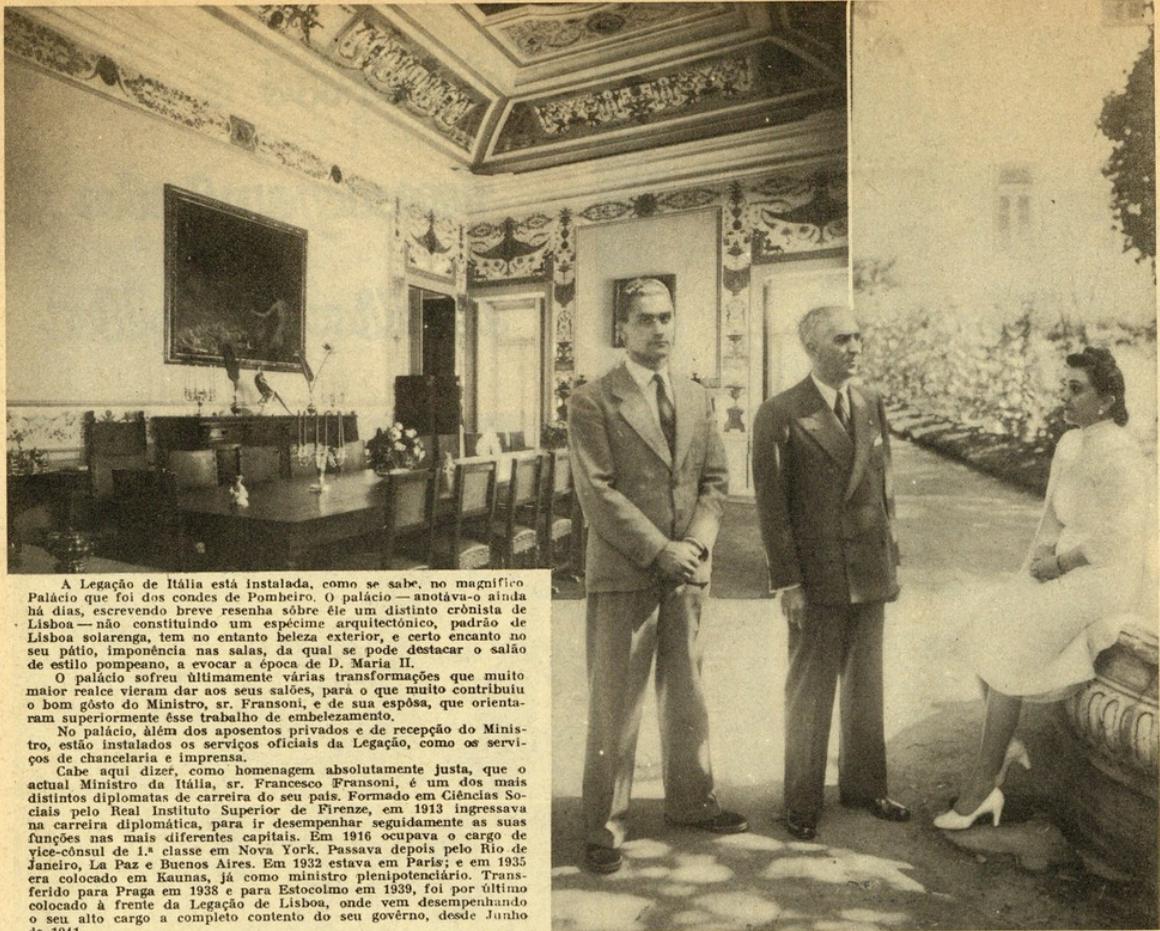
O ilustre Ministro da Itália em Portugal, sr. Franson, no seu gabinete de trabalho da legação do seu país em Lisboa

Diplomatas estrangeiros em Portugal
Neste palacio vide
O Sr. Ministro
da
ITALIA



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA continua hoje a revelar aos seus leitores os palácios de Lisboa onde estão instaladas as embaixadas e legações dos vários países estrangeiros com representantes diplomáticos acreditados no nosso País. Depois da Espanha, da Inglaterra e da França, cabe hoje a vez à Itália, cuja Legação figura nestas três páginas através de fotografias que nos mostram vários aspectos das suas salas. Nesta página: À direita, a galeria de acesso aos salões; em baixo: o salão nobre.



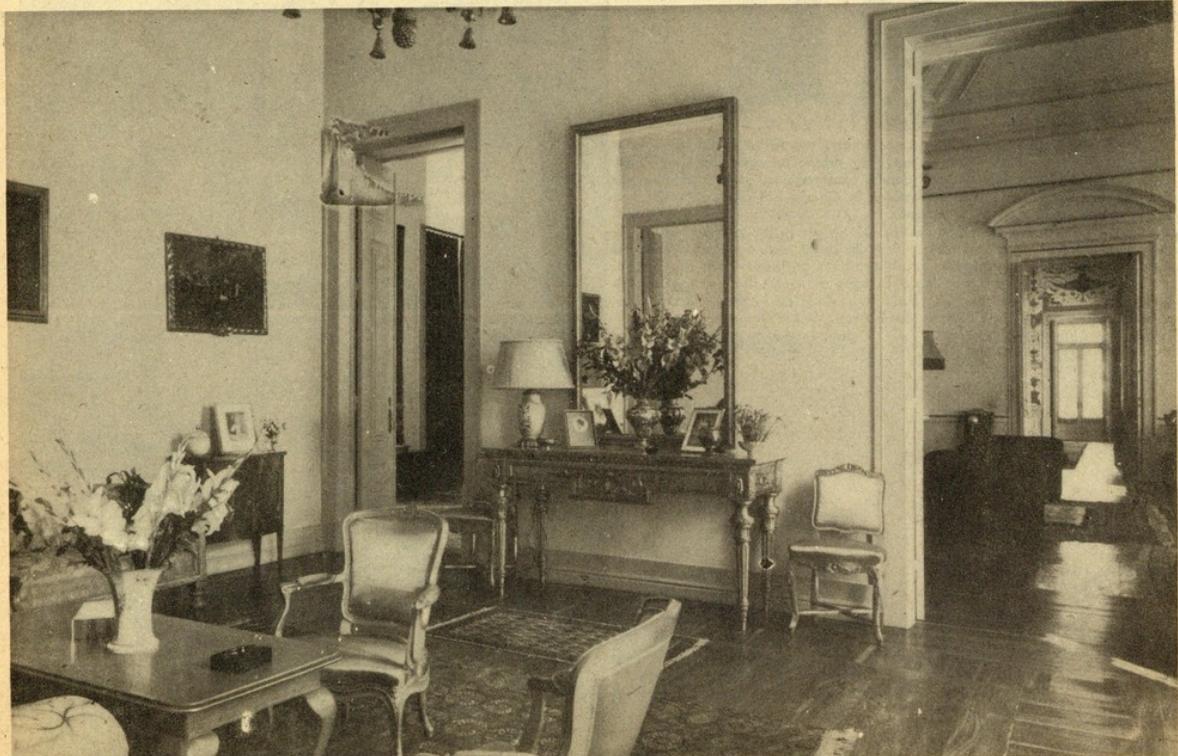


A Legação de Itália está instalada, como se sabe, no magnífico Palácio que foi dos condes de Pombeiro. O palácio — anotava-o ainda há dias, escrevendo breve resenha sobre ele um distinto crônista de Lisboa — não constituindo um espécime arquitetónico, padrão de Lisboa solarenga, tem no entanto beleza exterior, e certo encanto no seu pátio, imponente nas salas, da qual se pode destacar o salão de estilo pompeano, a evocar a época de D. Maria II.

O palácio sofreu ultimamente várias transformações que muito maior realce vieram dar aos seus salões, para o que muito contribuiu o bom gosto do Ministro, sr. Fransoni, e de sua esposa, que orientaram superiormente esse trabalho de embelezamento.

No palácio, além dos aposentos privados e de recepção do Ministro, estão instalados os serviços oficiais da Legação, como os serviços de chancelaria e imprensa.

Cabe aqui dizer, como homenagem absolutamente justa, que o actual Ministro da Itália, sr. Francesco Fransoni, é um dos mais distintos diplomatas de carreira do seu país. Formado em Ciências Sociais pelo Real Instituto Superior de Firenze, em 1913 ingressava na carreira diplomática, para ir desempenhar seguidamente as suas funções nas mais diferentes capitais. Em 1916 ocupava o cargo de vice-cônsul de 1.ª classe em Nova York. Passava depois pelo Rio de Janeiro, La Paz e Buenos Aires. Em 1932 estava em Paris; e em 1935 era colocado em Kaunas, já como ministro plenipotenciário. Transferido para Praga em 1938 e para Estocolmo em 1939, foi por último colocado à frente da Legação de Lisboa, onde vem desempenhando o seu alto cargo a completo contento do seu governo, desde Junho de 1941.



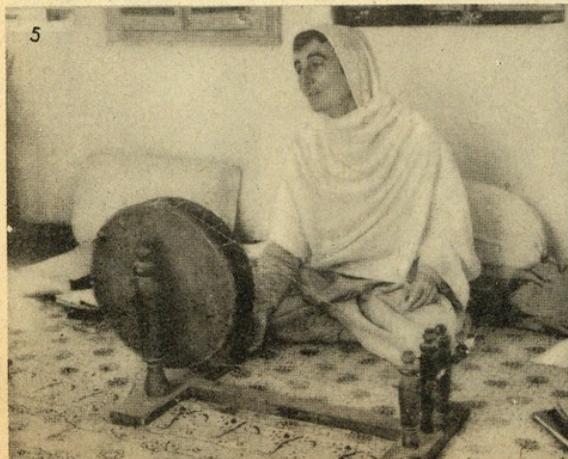
EM CIMA, à esquerda: A sala de jantar do Palácio da Legação. À direita: O sr. ministro de Itália, com sua esposa e filho. Em baixo: O salão amarelo.



Figuras e Imagens da Índia revoltada



1) CHANG-KAI-CHEK esteve há pouco tempo em Nova Delhi para falar a Gandhi. Passou-se isto um mês antes da prisão do chefe do Congresso. Nesse momento, o generalíssimo chinês conferenciou com o vice-rei da Índia, que se vê na foto com a esposa de Chang-Kai-Chek, durante um passeio pelos jardins da sua residência. 2) Chang-Kai-Chek e Gandhi, reunidos na entrevista de Nova Delhi. 3) G. D. Birla, grande industrial algodoeiro, um dos homens mais ricos da Índia, em casa de quem foi preso o «Mahatma». 4) Nehru assistiu também às entrevistas de Gandhi com o generalíssimo chinês. Vemo-lo aqui na foto com a esposa de Chang-Kai-Chek, no palácio de Birla. 5) Madeleine Slade, irmã dum almirante inglês, secretária de Gandhi, recentemente presa.



Foi a descoberta ^{dum} DOCUMENTO SECRETO que provocou a actual luta na Índia um artigo de Charles Ferrão



Ghandi com Sir Stafford Cripps após a sua conferência em Nova Delhi, quando da viagem daquele ministro inglês à Índia.

Que podiam fazer, para os pôr de acôrdo, o presidente Roosevelt e o marechal Chang-Kai-Chek, Estadine e Sir Stafford Cripps? Absolutamente nada. E entretanto assistimos a uma conversação prolongada que se arrastou desde Março a Agosto em que, sucessivamente, o noticiário das agências nos anunciava que tudo estava perdido e que tudo estava salvo. A fórmula exterior deste desacôrdo irremovível era simples. Gandhi queria que à Índia fosse dada imediatamente a independência. Churchill pretendia que esse acto, dum transcendência evidente, só viesse a consumir-se quando terminassem as hostilidades. O primeiro afirmava que, a não cumprir desde já as suas promessas, a Grã-Bretanha ainda desta vez encontraria uma fórmula para adiar a solução definitiva do problema indiano. O segundo declarava que a independência, neste momento, seria o começo da derrota não apenas do seu país, mas dos aliados ao lado dos quais ele se bate. A invasão da Rússia e da China seguir-se-iam ao abandono da Índia e com ela afundar-se-ia o bloco das nações unidas.

UMA BUSCA DA POLICIA INGLESA EM ALLAHABAD

Depois da visita à Índia de Sir Stafford Cripps e do malôgro da sua missão, em abril, os chefes do partido do Congresso manifestaram uma actividade inesperada. Sobre eles pesava a exercer-se uma vigilância implacável. A Inglaterra tem os seus métodos e a Índia é um terreno que os agentes britânicos conhecem com uma precisão admirável. Esse conhecimento, dos

homens e dos factos, das tradições e das ideias, é o segredo da sua dominação. Em 27 de Abril, Gandhi, cujo prestígio parecia maior do que nunca e que assumira a direcção do movimento pró-independência, formulou as condições que deviam levar à realização dos objectivos que preconizava. Quatro dias depois, a comissão executiva do partido do Congresso reuniu-se, com outras personalidades especialmente convidadas para esse efeito, numa sessão à volta da qual se estabeleceu o mais denso mistério. Que pretendia afinal o «Mahatma»? Que tinham respondido às sugestões que ele formulara os seus partidários mais categorizados e influentes? Foi este segredo que a policia inglesa se encarregou de desvendar. Porque de Londres pediram insistentemente que fossem fornecidos ao Departamento do Estado onde reina o sr. Amery, um imperialista da velha escola, os argumentos com que deviam convencer-se os governos de Washington, de Moscovo e de Chung-King quanto à necessidade de agir depressa e com energia para evitar uma catástrofe. Se esses argumentos não pudessem ser invocados com fundamento, que diriam os isolacionistas americanos e os trabalhistas ingleses, os comunistas russos e os visionários que rodeiam, em número apreciável, o marechal chinês?

O «Mahatma» encarregou-se de fornecer ao sr. Churchill todo o material de que ele precisava. Numa tarde do mês de Junho, os agentes ingleses penetraram na sede da direcção do partido do Congresso, em Allahabad. As informações que tinham chegado ao seu conhecimento eram precisas e

insofismáveis. Mas faltava encontrar a prova escrita dessas informações. A policia inglesa estava também informada de que essa prova existia. Era o relato do que se passara na sessão secreta da comissão executiva realizada em 1 de Maio para apreciar e, finalmente, aprovar as sugestões do «Mahatma». Uma busca minuciosa, que completava a inconfidência ou a delação de qualquer partidário pouco convicto, levou ao resultado desejado. O relato oficial da reunião secreta de 1 de Maio foi imediatamente enviado para Londres e examinado pelo gabinete de guerra.

A DESCOBERTA DE UM DOCUMENTO SENSACIONAL

Era um documento sensacional, a todos os títulos. Que revelava ele aos ingleses? Primeiro o conteúdo exacto das sugestões do «Mahatma». Gandhi propusera, e os seus correligionários, reunidos sob a presidência de Maulana Azad, haviam ratificado a sua proposta: 1) a retirada imediata das tropas inglesas da Índia; 2) a declaração de que só o imperialismo britânico transformara o país em zona de guerra; 3) o repúdio de toda a assistência estrangeira; 4) a afirmação de que a Índia não alimentava conflitos com qualquer país do mundo; 5) uma negociação com os japoneses que devia seguir-se à retirada das tropas britânicas; 6) a aplicação da política de não resistência no caso de essa negociação não conduzir a um resultado satisfatório.

Isto, que já não parecia pouco, constituía, porém, a parte menos reveladora do famoso documento

COMO foi possível que na Índia intervisse, ainda uma vez, uma solução violenta e que o sangue voltasse a correr nas ruas das suas principais cidades? Os pontos de vista dos chefes indianos e do governo

de Londres eram, efectivamente, inconciliáveis? Não seria possível estabelecer uma plataforma em que um e outro se entendessem, evitando que os inocentes pagassem as culpas que geraram tantos erros acumulados? O mundo interroga-se, procurando uma resposta satisfatória para estas perguntas, enquanto a policia inglesa volta a disparar as suas pistolas em Bombaim e em Calcuttá, em Nova Delhi e em Allahabad.

A verdade é que não havia solução de compromisso possível entre os pontos de vista irredutíveis de Churchill e de Gandhi. Foi à volta destas figuras centrais que, durante semanas, se desenrolou o drama em que a intervenção dum comparsaria animada pela mais transparente boa vontade não bastou para adoçar as arestas que os protagonistas simbolizavam. É difícil conceber duas personalidades mais opostas do que as do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, homem de Estado realista que tem sobre os seus ombros a tarefa esmagadora de salvar o maior Império do mundo da decomposição e da ruína, e o «Mahatma» imbuído de preceitos de toda a ordem e perturbado pelas visões dum mundo que não é o nosso.



Nativos indianos lendo os seus jornais autónomos, chamados da Índia Livre, alguns dos quais, no entanto, são redigidos em inglês.

apreendido. A parte essencial era constituída pelas declarações que a apresentação da proposta suscitara e pela discussão que se travara entre os principais membros do partido, Azad e Nehru, Kripalani (secretário geral) e o Pandit Pant, Rajendra Prasad e Rajagopalachari Disand, durante a qual se fizeram as mais graves e significativas declarações que o relato da reunião transcrevia.

Dessas declarações se concluiu: 1) que toda a atitude do «Mahatma» derivava da convicção profunda de que as potências do «eixo» ganharão a presente guerra e que a Grã-Bretanha se encontra já no plano inclinado duma derrota irremediável; 2) que havia toda a conveniência em negociar com o Japão, país que viria a ter na Ásia uma preponderância decisiva; 3) que com a saída das tropas inglesas devia coincidir a das tropas americanas que actualmente estacionam na Índia para assegurar a defesa do país contra a hipótese duma invasão nipónica; 4) que o general Wavell é considerado pelo «Mahatma» como uma personalidade absolutamente incapaz de assegurar aquela defesa; 5) que no pensamento do «Mahatma» devia ser dada uma resposta satisfatória ao pedido japonês, que inevitavelmente viria a ser formulado, para ser autorizada a passagem de tropas e de material de guerra através do território indiano, a fim de se fazer um ataque formal às posições britânicas do Médio Oriente; 6) que, em circunstância nenhuma, os indianos deveriam auxiliar, directa ou indirectamente, as tropas das nações unidas ou contribuir para intensificar o seu esforço de guerra; 7) que para esse efeito e para aplicação dos outros objectivos actima enunciados deveriam todos inciar a campanha da desobediência civil.

Uma voz se ergueu na reunião secreta da comissão executiva do partido do Congresso para proclamar a sua discordância com as concepções do «Mahatma». Foi a de Nehru, durante muitos anos considerado como o mais perigoso adversário da Grã-Bretanha e como o chefe da corrente extremista hindú. As suas palavras traduziam a única conclusão que era lícito tirar da proposta de Gandhi que acabou por ser aprovada:

«Gandhi, revelou êle, está con-

vencido de que o Japão e a Alemanha estão prestes a ganhar a guerra. É esta ideia que, talvez inconscientemente, condiciona o seu pensamento e encaminha os seus actos. Que vai acontecer se a proposta do «Mahatma» for aprovada? Os ingleses não deixarão o nosso território. A nossa reacção será uma resistência passiva a que se seguirá a repressão. Indirectamente e automaticamente alinharemos ao lado das nações do «eixo». A desobediência civil não conduzirá a qualquer resultado prático e da mesma forma teremos de suportar os inconvenientes de uma invasão japonesa. A verdade é que a causa da independência da Índia está intimamente ligada à vitória de certos princípios superiores que as nações unidas interpretam e sem a qual nada conseguiremos».

As razões de Nehru não conseguiram triunfar do prestígio e da obstinação do «Mahatma». De posse destas revelações, o governo inglês fez valer toda a gravidade do seu significado profundo em Washington, em Moscovo, em Chung-King. Que melhor maneira de convencer os Estados Unidos do que revelar-lhe o pedido dos hindús para que os americanos abandonassem o seu território? Como se isso não bastasse, durante a reunião um dos elementos influentes do Congresso, Achut Pathwarden, declarou categoricamente: «Não podemos pensar em fazer causa comum com as nações unidas. Toda a luta que estas conduzem se baseia na potência industrial dos Estados Unidos. Ora eu duvido que os Estados Unidos sejam uma nação forte e progressiva».

Que melhor maneira de convencer os dirigentes soviéticos do que mostrando-lhes a ameaça nipónica em direcção ao Iran e ao sul do Cáucaso? Que melhor maneira de demover o marechal Chang-Kai-Chek da sua obstinada simpatia pela causa da independência inadiada da Índia do que apresentar-lhe os seus amigos do partido do Congresso decididos a abrir as portas à invasão japonesa que êle combate tenazmente há cinco anos? Assim se explica que, quando os primeiros tiros da policia inglesa soaram em Bombaim, os aliados da Grã-Bretanha se apressassem a exprimir a sua solidariedade com as medidas de repressão tomadas na Índia.



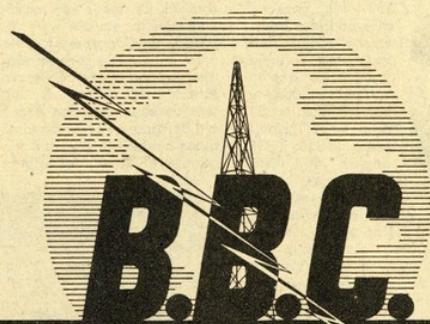
Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Dias	Ondas curtas
8.15	Segunda-feira	25.23 m. (11.89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado	31.02 m. (9.67 mc/s)
9.30	Segunda-feira	25.23 m. (11.89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado	31.02 m. (9.67 mc/s)
19.15	Segunda-feira, Sexta-feira	25.40 m. (11.79 mc/s)
		30.90 m. (9.70 mc/s)
		49.60 m. (6.04 mc/s)
20.30	Sábado, Domingo	19.56 m. (15.33 mc/s)
		31.02 m. (9.67 mc/s)
20.45	Sábado, Domingo	31.02 m. (9.67 mc/s)
	Segunda-feira, Sábado	19.56 m. (15.33 mc/s)
22.30	Sábado, Domingo	19.56 m. (15.33 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

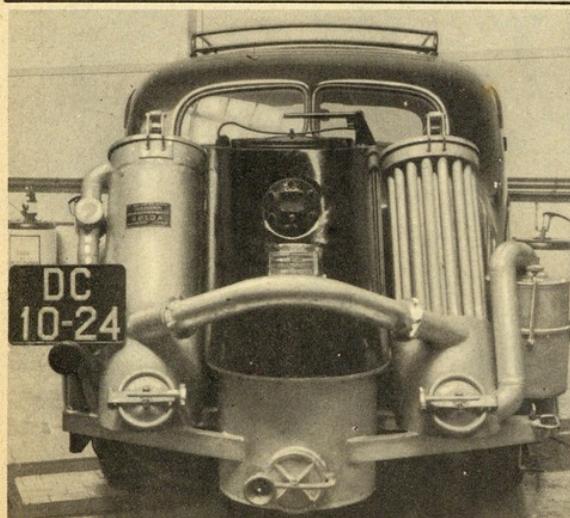


A VOZ DE LONDRES

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas	Noticiário	Estações	Ondas curtas
11.45	Noticiário	G R U	31.75 m. (9.45 mc/s)
		G R V	24.92 m. (12.04 mc/s)
13.15	Noticiário	G R Z	13.86 m. (21.64 mc/s)
		G R U	31.75 m. (9.45 mc/s)
		G R V	24.92 m. (12.04 mc/s)
13.30	Actualidades	G S B	31.55 m. (9.51 mc/s)
		G R X	30.96 m. (9.69 mc/s)
		G R T	41.96 m. (7.15 mc/s)
22.15 (*)	Actualidades	G S B	31.55 m. (9.51 mc/s)
		G R T	41.96 m. (7.15 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261.1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).



UM DOS GASOGÉNEOS SUECOS, da marca «Philipsons», modelo K-7, representados pela SPIDA e montados nas suas modelares oficinas sob a direcção de um perito sueco da fábrica construtora.



A RESISTÊNCIA HERÓICA DA CHINA

A firme vontade de resistência da China ao invasor nipônico estende-se a todo o povo. Aos homens e às mulheres. Tanto aos adultos como às próprias crianças. Eis aqui um exemplo. Este pequeno chinês arenga aos seus pequeninos camaradas, fazendo-lhes ver os perigos que o Japão faz cair sobre o seu país. Mas — acrescenta — a China tem aliados poderosos e a vitória há-de sorrir-lhe finalmente!

panorama internacional

A vitória e o tempo

por Francisco Velloso

DEPOIS da resenha que ultimamente fizemos dos acontecimentos internacionais, ajudando, como sempre, o leitor nas suas interpretações, segundo o seu critério e através das referências necessárias a os factos mais significativos, pois a crónica não aspiramos, parecemos chegados a uma encruzilhada em tópo de montanha. A guerra surge no seu maior transe. De todos os quadrantes críticos militares, cronistas, correspondentes e comentaristas, avisam-nos de que deste ano poderá sair e provavelmente sairá, não uma decisão terminante, mas uma situação que, no tabuleiro

da politica mundial, já deixará rasgados os horizontes do grande desfecho.

Os beligerantes — vejam-se a gigantesca ofensiva alemã na Rússia na qual está mais à prova a arte de quem defende do que de quem ataca, a guerra submarina, a chegada dos grandes contingentes americanos a Inglaterra, a incógnita fremente da Nova Frente na Europa, a suspensão da guerra no Egipto, a ofensiva nos arquipélagos da Austrália, a reacção combativa da China, a deminuição da guerra submarina, o alastramento da guerra económica — os beligerantes tomam posições em torno de um facto central, a batalha de leste donde pendem o destino da Europa.

O VOLGA E O CÁUCASO



TIMOCHENCO

No dia 6, a agência officiosa francesa prenunciava que a irrupção alemã na batalha do Sul da Rússia ia aproximar-se das defesas estáveis do norte do Cáucaso. Até 13 e 15 este aviso das informações tentónicas cumpriu-se. No dia 10, os exércitos de Von Konrad e Von Schnekenburger atingem em Maikop-Armavir-Krasnodar o coração da região petrolífera e produtora de trigo em Kuban; a 11, uma forte irrupção de «tanks» e infantaria motorizada lança-se desde Armavir a Maikop para 180 quilómetros a sudeste da primeira destas cidades, entra em Piapigorod já nas aproximações da Cordilheira Cáucásica cobertas de neve, e alcança Titogorok nas origens do rio Terek que vai, quasi paralelo ao Kuman, desaquar como este no Mar Cáspio. A região de Kuban era deixada pelos russos aos alemães num espantoso crepitar de incêndios — a terra em brazas. Milhares de motociclistas alemães — narram de Moscovo os correspondentes da Reuter — armados até aos dentes, espalharam-se pelos campos petrolíferos, tentando semear a confusão nas retaguardas russas. «Tanks», infantaria motorizada, aviões alemães com grande superioridade numérica, forçam o avanço para as montanhas do Cáucaso. As tropas russas, apoiadas em divisões de «tanks» que se revelam qualitativamente superiores aos do inimigo, são obrigadas a recuar, embora vendendo o terreno ao adversário a preço de pesadas perdas. A 12 e 13, o «raid» alemão amplia-se a Cherkassk, cidade a 125 quilómetros de Armavir, mas as reservas russas trazidas à

pressa metem-se na cidade e empregam-se numa resistência feroz.

O movimento alemão obtém assim para o extremo sul, ao longo das montanhas, e na direcção do Cáucaso oriental, a brecha que desde julho não conseguira rasgar, movimento que nos gráficos aparece como uma linha contornante da frente russa, voltada para o Mar Cáspio, como um giro de compasso, cuja haste de centro estivesse entre Salsk e o sector de Tsymlianskaia, e a outra haste se movesse na directriz acima apontada.

Podem agora verificar-se melhor o intento de Timochenko, que, para o caso, importa mais que o do seu inimigo. Quando, terminada a batalha do Donetz, o exército russo veio alinhar no cotovelo do Don, críticos militares ingleses ousaram asseverar que o marechal russo deveria nesse momento concentrar o máximo das suas forças sobre a frente de Voronezh-Kursk e provocar, mediante a contra-ofensiva, a guerra de movimento, obrigando a ofensiva alemã a deter-se ou a recuar. Pelo trecho que transcrevemos de um relatório de Timochenko na última crónica, e à vista do que está a passar-se, infere-se que ele preferiu continuar a ser «o alto-forno de fundição», decerto porque sabe em que grau estão as possibilidades do adversário nestas fases supremas e derradeiras da sua ofensiva a que na Alemanha se chama «a prova de força de Hitler».

E a verdade é que o problema estratégico da batalha ainda se mantém sensivelmente irresolvido. No cotovelo do Don, para onde Timochenko trouxe a tempo o grosso das reservas (como se prova com a superioridade numérica alemã no avanço para o Cáucaso, atrás mencionada), os ataques e contra-ataques alemães e russos sucedem-se em assombrosos choques, os primeiros para forçarem o Don e o Volga e caírem sobre Astrakan, os segundos para impedirem. E a luta ali, desde Kleskaya até nordeste de Kotelnikovo, com o centro em Kalatch, dura há 25 dias sem vitória.

Ora, era aqui o grande fulcro do objetivo de Von Bock, para separar o grosso do exército russo do norte, dos que defendem o Don. A manobra de Timochenko foi, pois, exacta. A não ser assim, teria de abandonar todo o norte do Cáucaso entre os dois mares e não desgastaria o inimigo como desgastou. Assim, se compreende também agora que, apegado entre Kotelnikovo-Salsk-Vorochilovgrado, e mantendo a todo o custo, contra o flanco direito alemão em Jeksk-Kutcheskaya - Maikop - Krasnodar,

umaresistência bruta sobre a faixa costeira do Mar Negro em defesa das bases marítimas russas de Tuapse e Novossisk, o marechal russo visse os seus adversários forçados a fazer pelo extremo sul, na actual irrupção que necessariamente lhes alonga as comunicações, o movimento ofensivo que não pudera lançar no cotovelo do Don directamente para leste.

A ofensiva russa pronunciada em Voronezh pelo sul do rio Don e que no dia 10 já contava cinco dias, mas cujo aprofundamento a sudoeste e oeste daquela cidade ainda se ignora porque o não dizem os comunicados russos e alemães, é um factor importante, lateral à batalha do sul. Os alemães nos últimos dias arrastavam para ali grandes forças a fim de deterem os russos. No entanto, a incerteza permanecia, indicando que a batalha ainda não atingira no sul o ponto crucial, e prevenindo-nos do que irá passar-se, em decisivos lances, nas duas próximas semanas, a última de Agosto e a primeira de Setembro, que é quasi o que restará dos famosos «cem dias».

E porque não andamos a certificar os despachos das agências, à laia de comentários, repare o leitor no que se passará na curva do Don, pois é lá, como em Voronezh, que Timochenko, o taciturno de nervos de aço, tem os seus dois grandes trunfos.

O DESTINO A LESTE



VON BOCK

«Presente-se no entanto quantas ansiedades estão voltadas para esse drama nunca visto, que decorre nas estepes meridionais da Rússia. Como no primeiro dia, desde que Hitler, bem ou mal informado — e parece que mal — iniciou a invasão, a guerra polarizou lá o seu destino. Agora mesmo, o que se passa no Egipto e na batalha da Rússia parece arripiar pelo Próximo Oriente e na Turquia.

Há, é certo, quem anteveja da irrupção alemã para o Cáucaso, a consequência do esbalgimento total do petróleo para os Aliados e sobretudo para os russos. Paulo Holt, correspondente do *Daily Express* na capital russa, formulava no dia 12 em nove respostas a nove perguntas a devida concretização a esta pergunta.

Em primeiro lugar (e continuamos a apoiar-nos, não em mera leitura de telegramas, mas em pareceres de autorizados críticos milita-

Os DENTES

só nascem duas vezes

Defendei-os desde a infância com



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um enérgico microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

res) o marechal alemão não pode prolongar livremente a sua marcha para o sul enquanto tiver indefesa a sua retaguarda ocidental como atrás apontamos, ao longo da costa, (toda ela montanhosa e por escarpada que é difficil de abordar) do Mar Negro, aquela faixa que vem desde Jekis até aos primeiros contrafortes da cordilheira que caem sobre o litoral em muitos pontos abruptos, e através dos quais passa a mais de 1.500 pés de altitude ao longo da costa do pequeno pórtio de Suchum, uma das estradas da travessia do Cáucaso (a outra corre de Grosny a Tiflis). Em segundo lugar, tal movimento só pode ser levado a cabo, desde que o alto comando alemão esteja convencido de que Timochenco não possa trazer a opôr ao derrame da ofensiva alemã para o Cáspio novas reservas pelo Volga, (e elas já no dia 11 apparecem em Cherkessk e em Piapi-gorod) a menos que se veja obrigado a combater em três frentes. Em terceiro lugar, como o impeto alemão até ao dia 13, e, repetimos, depois de 28 dias de batalha diurna e nocturna, não conseguiu romper a frente de Estalingrado, julgam os citados comentários dos técnicos militares que bastará que o marechal russo concentre o máximo do seu esforço na defesa do cotovelo do Don, até à charneira de Tsymlianskia-Salsk-Kotelnikovo-Abreganovo, na defesa do sul do Volga sobre a linha de alturas dos Montes Sapa que corre de norte a sul (e por isso mesmo é de reparar numa tentativa alemã no dia 12 para Elista, capital da região dos Kalmucs para contornar essas alturas pelo sul em direcção a Astrakan) e na defesa da zona do litoral do Mar Negro — para entrar, contra a muralha das posições do Cáucaso, a ofensiva alemã. Em quarto lugar, como dizia a agência officiosa francesa no dia 13 «o avanço alemão é necessariamente lento e a defesa das estradas de montanha é relativamente fácil para os russos» e «a tarefa mais difficil está ainda por realizar». Finalmente, só por ignorância geográfica pode admitir-se nestas condições uma jornada de salto de Von Bock até Batum ou Baku, e foi há dias revelado que os russos (e é de lembrar o seu extraordinário espirito de preparação preventiva) não só têm a funcionar os transportes de petróleo pelo Cáspio, mas possuem reservas tão grandes deste combustível que podem arrostar com a guerra até 1944, e devemos esclarecer que a informação é dos obser-

vadores officiais americanos e confirmada pelos officiais turcos. Não haja, pois, ilusões.

Depois, perante o alto moral do soldado alemão, a quem nada falta, é preciso contar com o alto moral do soldado e do povo russo, e não depreciar nem um nem o outro.

O ministro da guerra e comandante em chefe das tropas checo-eslovacas, general Ingr que acaba de chegar a Londres de regresso da sua viagem à Rússia e ao Médio Oriente, teceu elogios à eficiência da organização russa para a guerra total. «Os russos sabem que os alemães pretendem aniquilar o exército soviético mas preferem, ainda que isso seja penoso, abandonar território a-fim-de manter, as suas forças intactas para o momento oportuno. Estão resolvidos a combater até conseguirem a vitória, aconteça o que acontecer».

E o mesmo general Ingr acentuou ainda a importância da evacuação em larga escala das fábricas russas nos territórios ocupados, dizendo: «No fim do verão ou do outono, o mais tardar, todas estas fábricas estarão a produzir nas suas novas sedes o mesmo que nas antigas». Mencionando que estas fábricas estão a ser construídas em Moscovo, disse: «Isto mostra quão confiantes estão os russos em que a cidade não será tomada». Descreveu também a destruição total de cidades e aldeias nas zonas conquistadas e depois abandonadas pelos alemães. «Onde foi a frente de Moscovo vi uma cidade onde viviam 12.000 pessoas, e onde os alemães só deixaram chaminés. Não obstante um milhão dos seus habitantes voltou e vive em subterrâneos; a despeito destas condições todos os campos em volta da cidade estão cultivados».

A LEALDADE DUMA ALIANÇA



SARAJOGLU

Desta maneira, não se arroga fóros de adivinhos quem encare no seu justo valor os acontecimentos do magno esforço que Hitler está a empregar.

A ofensiva de Romell está detida às portas do Egipto. Tanto o caudilho alemão como o seu adversário inglês, Auchinleck, preparam-se para um reatamento da campanha e com esse fim ajuntam os reforços que recebem. Isto produz uma tensificação que vai crescendo e à qual o Times dizia nos princípios do mês corrente ser necessário pôr cõbro. Rommel, falando pela rádio alemã no dia 13, disse acerca da primeira fase da batalha e da que porventura se lhe vai seguir: «A batalha foi dura e obrigou-nos a muitos sacrificios. Muitos dos nossos camaradas já não combatem nas nossas fileiras. Tivemos que travar uma batalha defensiva muito difficil. É simplesmente indiscritível o que os nossos soldados tiveram que suportar nesta semana. Simples palavras não o podem exprimir. Dia a dia, o nosso exército blindado cumpriu o seu dever. Estamos agora às portas do Egipto. Os britânicos concentram as suas reservas, até ao último homem, para nos repellido de novo. Planearam fazer o que nós fizemos em janeiro, mas os seus planos falharam perante a firmeza dos homens do nosso exército de tanks».

De Londres não só confirmaram que o marechal alemão está a acumular novos reabastecimentos de «tanks» e equipamentos, mas ex-

plicam e assim o mostra o ataque ao grande combóio britânico pelas esquadras aéreas e navais do Eixo no Mediterrâneo, que causou o afundamento do porta-aviões Eagle, (a quinta destas unidades perdida nesta guerra pela Armada Real, embora ainda haja ao serviço seis e no fim do ano mais dois) que, embora muitos dos navios empregados para aquele fim tenham sido interceptados pelos Aliados (cerca de trinta por cento apenas) não pode dizer-se que faltem a Rommel os meios essenciais para atacar Auchinleck, tendo organizado o pórtio de Tobruk, agora poderosamente armado. As opiniões britânicas, contando com os grandes reforços da América, entendem que a vitória depende da iniciativa.

A par do Egipto (e o seu embaixador em Londres, dr. Aasson Nashat Pachá, confirmava no fim de julho que «as relações do seu país com a Inglaterra não são apenas de governos, mas dos dois povos») o campo de repercussões da situação geral criada pela ofensiva alemã é, como se sabe, a Turquia. Ora, o discurso do novo chefe do governo, o arguto Sara Joglu, ao apresentar-se no dia 6 à Grande Assembleia, não deixou dúvidas algumas sobre a atitude, a muitos títulos exemplar, deste país. A Turquia não se envolverá em aventuras para além das suas fronteiras, mas atacada, defender-se-á até ao último homem. Fincada numa política que, pela primeira vez, foi defendida como de «neutralidade activa», a nação turca continuará, porém, a manter o tratado de aliança com a Inglaterra, que «é uma expressão da própria realidade e constituição factor fundamental do seu sistema político». No campo económico, a Turquia abre-se às relações

cordiais com todos os países. Os meios diplomáticos consideravam estas palavras «como uma prevenção a tempos, perante os acontecimentos do Médio Oriente e do Cáucaso, as concentrações militares na Grécia e certas manifestações desafiadas da imprensa búlgara. A política do «Eixo» em todo o Próximo Oriente tem pois de contar com Ankara que pelas vozes de Sara Joglu e do presidente Inonu também já se declarou indispensável nos futuros arranjos politicos nos Balcãs, resultantes da guerra».

Portanto, se o convite de Von Papen ao governo turco para que reconsiderasse na aliança com a Inglaterra, foi realmente formulado, como se disse no fim do mês passado, a resposta não podia ser mais clara.

SE ALBUQUERQUE VIVESSE...



CRUPPS

No prolongamento destes sucessos devem ser inseridos os acontecimentos da Índia. Só aparentemente eles podem ser desviados da série multifacetada dos que a esta guerra pertencem. Assim havemos aqui encarcado a vasta crise que se arrasta na Índia e que entrou em agudissimo transe desde a entrada do Japão no conflito internacional.

Na verdade, e antes de mais nada, é preciso saber o que querem os chefes do movimento denominado pela milionésima vez de «desobediência civil» e em que ponto as suas reivindicações podem enxertar-se nos objectivos dos partidos be- (Conclue na pág. 21)

Leite Materno

Não há nada que o substitua e todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio

VITALOSE

Produto insistentemente recomendado pela Classe Médica, produz rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo.

GÓSTO AGRADABILÍSSIMO. EFEITOS IMEDIATOS.

A venda em todas as Farmácias
Prevenção: Rejeitar imediatamente, por falsificação, toda a embalagem de VITALOSE que não tenha esta etiqueta registada, de garantia:



LEÃO TOLSTOÏ

GUERRA e PAZ

Um romance admirável que se relaciona com as campanhas de Napoleão na Rússia e nos apresenta a sociedade russa.

Emilio Faguet achava que só "Os Miseráveis" de Victor Hugo se podiam comparar a esta obra.

Obra traduzida correctamente e publicada em texto integral no formato 14x21.

FACILIDADES DE AQUISIÇÃO

Em números semanais de 16 páginas ao preço de 1 escudo cada.

(Pelo correio, cobrança mensal de 4 numeros: 5\$00) **BRINDE:** A todos assinantes a capa especial para encadernar a obra.

Inscreeva-se já como assinante; pagamento só contra a entrega dos fascículos. Enviamos o espécime a quem o pedir.

Editorial MINERVA - R. Luz Soriano, 31 - LISBOA

A INTERVENÇÃO DE ZAHAROFF NA POLITICA PORTUGUESA

A propósito da magnífica reportagem sobre Basil Zaharoff publicada no último número de «Vida Mundial Ilustrada» pela nossa distinta colaboradora Manuela de Azevedo, recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

«No último número de «Vida Mundial Ilustrada», Manuela de Azevedo publica uma curiosa reportagem sobre o misterioso milionário grego, «sir» Basil Zaharoff.

Entre a jornalista e o seu incógnito interlocutor trocaram-se, em dado momento da interessante entrevista, as seguintes frases:

— «Sir» Basil, que era armamentista, deve então estar ligado a alguns movimentos do país...

— Não como pode pensar...
— As tentativas de restauração monárquica...

— Não me consta. O caso, como negócio, não devia interessar-lhe por aí além. E como política...».

Ora, parece-me que, de facto, a intervenção de Basil Zaharoff na agitada politica portuguesa dos começos do século deve ter sido notável.

Há 3 anos — em 1939 — o Príncipe Cristóvão da Grécia, tio do actual soberano helénico, fez publicar as suas memórias sob o titulo de «Le Monde et les Cours...» (*). Além do interesse e do valor que usualmente possui um livro deste género, as memórias do Príncipe Cristóvão oferecem a particularidade de fazer «revelações inéditas» sobre a acção do seu compatriota Basil Zaharoff.

Sob a epigrafe de «Deux étoiles nouvelles» (Duas novas estrelas), o Príncipe põe-nos em contacto com dois dos seus compatriotas que vieram a desempenhar um relevante papel na politica internacional: Venizelos e Basil Zaharoff. É nesse capitulo do seu curioso livro que Cristóvão da Grécia põe o problema dos manejos de Zaharoff em Portugal.

«C'est Basil Zaharoff qui fut l'instigateur de l'offre du trône de Portugal, qui me fut faite en 1912» (*) — pode ler-se a pág. 126 da tradução francesa das memórias do Príncipe Cristóvão.

«Je lui répondis que la proposition ne me tentait pas» (**), continua o Príncipe depois de se ter referido à promessa que Zaharoff lhe fez de «un appui financier illimité». E explica as causas e motivos da sua recusa, sendo a primordial a profunda amizade que o ligava ao rei D. Manuel de quem era intimo amigo.

E então deixa escapar uma frase que faz entrever largas e subtis divagações: «...et je me demandais in petto quelle part M. Zaharoff avait tenue dans les événements qui avaient précédé son abdication: le bruit courait qu'elle avait été considérable» (**).

Quere dizer, o Príncipe Cristóvão não se limita a nos revelar o que lhe diz respeito directamente: aventa mesmo a hipótese de uma larga intervenção de Zaharoff na tortuosa politica dos primeiros anos da República.

Que interesses pretendia ele defender; que misteriosos designios o guiavam, são questões de segundo plano perante a realidade dos factos. A menos que as palavras do Príncipe Cristóvão da Grécia, pela cruel verdade que encerram, possam vir a ser postas em dúvida... por aqueles que as poderiam confirmar.

Não o quero crer.

Tórres Novas, 13-8-942.

ALFREDO SANTOS

(*) «Le Monde et les Cours» — Mémoires de S. A. R., le Prince Christophe de Grèce — traduction française de Henri Delgove — Livraria Pion, Paris.

(**) «Basil Zaharoff foi o instigador da oferta do trono de Portugal que me foi feita em 1912».

(*) Respondei-lhe que a proposta não me tentava.

(*) «e eu interrogava-me in petto que papel tinha Zaharoff desempenhado nos acontecimentos que precederam a sua abdicação: Consta que é uma considerável».

Escuta ROMA!

RADIO CENTRO EIAR IMPERIAL

NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Horas	Estações			
9.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810	
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060	
13.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820	
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590	
15.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770	
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060	
23.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220	
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950	
23.40 Noticiário		Ondas médias		
		m. 221.1		
		m. 263.2		
1.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300	
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760	
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330	

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

22.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
22.20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

Vida MUNDIAL Ilustrada

JOSE CÂNDIDO GODINHO — Director: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
— Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.
— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

USE O MATERIAL FOTOGRAFICO

ILFORD

CHAPAS // PAPEIS
PELÍCULAS

A venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



SELO O 20
SELO ORTHO FILM

ILFORD LIMITED
ILFORD — LONDRES



REGISTERED TRADE MARK

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

DE NAVEGAÇÃO

LINHA DA COSTA OCIDENTAL
VAPOR

“CABO VERDE”

Sairá em 25 do corrente, recebendo carga e passageiros para: Príncipe, S. Tomé, Luanda, Lobito e Mossamedes e outros portos da Costa Ocidental, sujeita a baldeação. IMPORTANTE — A carga será recebida até às 20 horas do dia 22, e depois desta data até às 18 horas do dia 24 com o aumento de 20 %

LINHA RAPIDA DA COSTA OCIDENTAL E ORIENTAL
PAQUETE

“ANGOLA”

Sairá em 31 do corrente, pelas 16 horas, recebendo carga e passageiros para: Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação

IMPORTANTE — A carga será recebida até às 20 horas do dia 27, e depois desta data até às 18 horas do dia 29 com o aumento de 20 %

PARA ESCLARECIMENTOS E MAIS INFORMAÇÕES:
SEDE — Lisboa: Rua do Comércio, 79 e 85 — Telefones: 23021 a 23026 — SUCURSAL NO PORTO: Rua Infante D. Henrique, 73
Telefone 1434

Um problema de arte

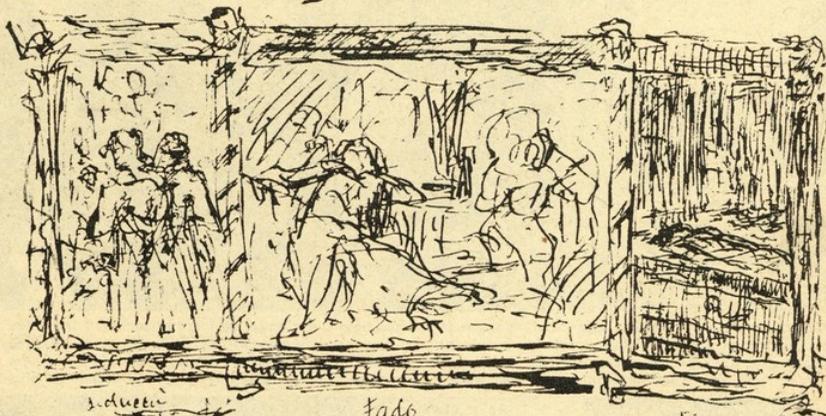
A volta do "FADO" de Malhoa

Um comentário de Edgard Marques

AQUELA mulher, ouvindo enlevada o gemitir da guitarra que acompanha a voz do fadista, representa o espírito de um meio dentro de uma época que passou.

Malhoa, o pintor inconfundível pela personalidade, soube sentir a natureza e a alma do povo.

É facto que a sua arte não cavalgava em corrida vertiginosa para além do que via. A febre da inspiração não arrastou o artista em deslumbramento para o sonho e para o irreal. Não perdendo o olhar no infinito, Malhoa, volve os olhos para o que objectivamente o rodeia. Foi um naturalista admirável com a preocupação de imprimir nas suas telas a verdade. E foi da realidade, toda envolvida em luz, em cor, onde a harmonia dos tons caminha a par da humanidade dos traços, que o mestre soube extrair a mais verdadeira poesia.



«O Fado», esse quadro popular tão conhecido, foi na sua primitiva concepção a maior afirmativa do culto do pintor pela verdade. Malhoa não quis dar-nos o quadro sem consubstanciar nêlo a história do vício.

Figuração de Vinte e Quatro
24.5.1908

Fim
H. C. L.



O célebre quadro de Malhoa: «O Fado».

original de:
Jose Malhoa -
Mestres do Fado

O triptico que foi a primeira concepção do artista

Pensou em fazer um triptico. Na pequena página de album — que amavelmente nos foi concedida pelo senhor Agostinho Fernandes, particular amigo de Malhoa — verifica-se a ideia do pintor. Ele próprio escreve a seqüência dos quadros como a gravura indica:

«Sedução» — «O Fado» — «Fim».

O fim era o Necrotério.

Para conscienciosamente arranjar elementos para o quadro, Malhoa perde-se pelas ruas da Mouraria. Um escritor realista faria o mesmo antes de começar o seu romance. Enquanto estuda o ambiente vivem nêlo o observador e o artista. Então acha pouco pintar apenas um quadro. É uma história triste, cheia de fatalismo que pretenda compor com o seu pincel.

«O Fado» é o fado de uma vida

(Continua na pág. 20)

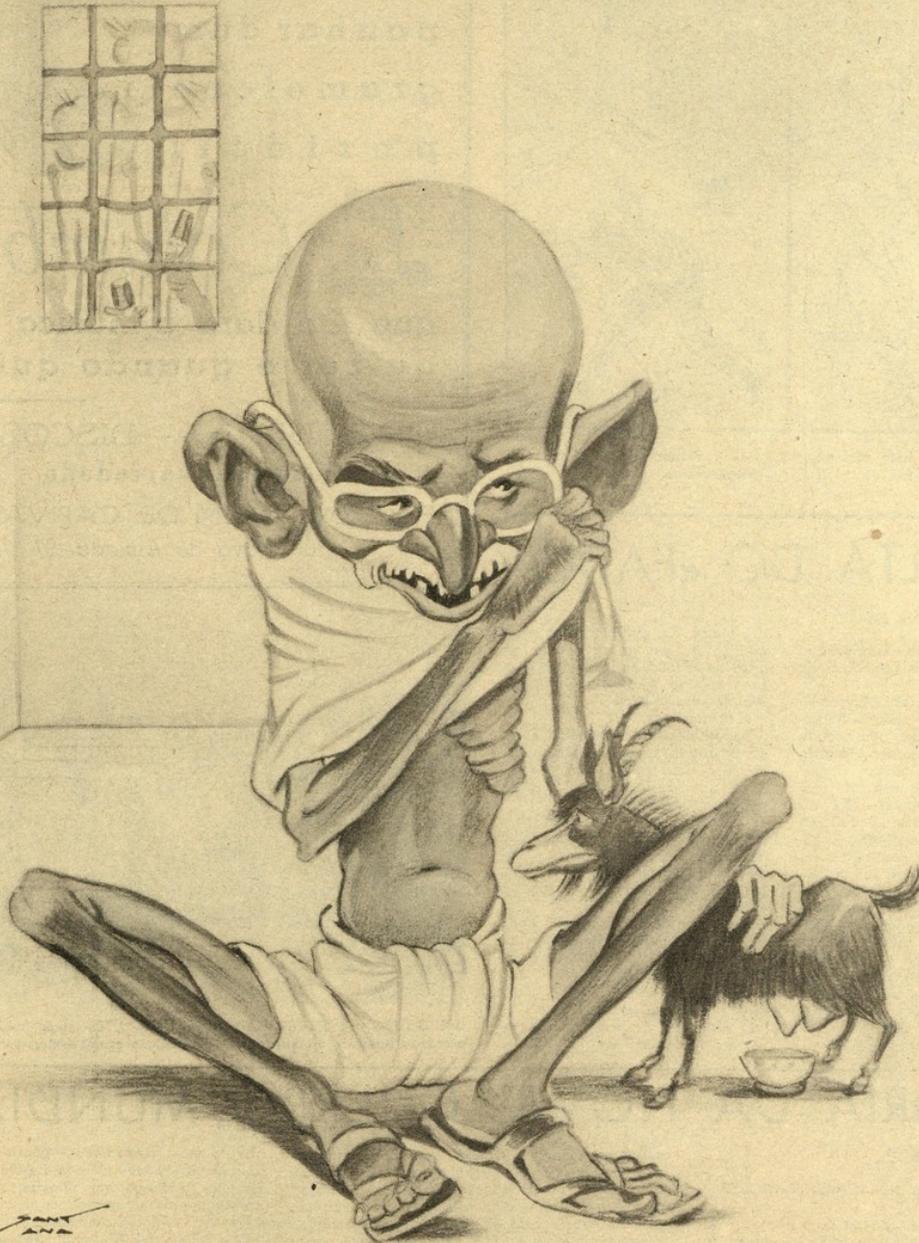


Num gesto de compreensivo humanitarismo que muito nos honra, a cidade de Luanda tomou a iniciativa de oferecer à Cruz Vermelha inglêsa uma ambulância completa destinada aos feridos de guerra. Essa ambulância é constituída por cinco unidades e custou cêrca de 1.000 libras, cobertas por subscrição. Esta generosa oferta acaba de ser entregue em Londres, como se verifica pela foto acima, em que se vê o ilustre embaixador de Portugal, sr. dr. Armindo Monteiro, e sua espôsa, inspeccionando um dos carros, após a cerimônia oficial da entrega à Cruz Vermelha.



A convite do governo do Reich, deslocaram-se recentemente à Alemanha alguns rapazes e raparigas da «Mocidade Portuguesa». Durante a sua estada naquele país receberam o mais agradável acolhimento. A foto que publicamos dá-nos gráficamente um aspecto dessa visita, vendo-se também no grupo o sr. capitão Quintino da Costa e o sr. Ministro da Alemanha em Portugal, Barão Hoyningen-Huene e sua espôsa, que nest' altura se encontravam no Reich gozando umas curtas férias.

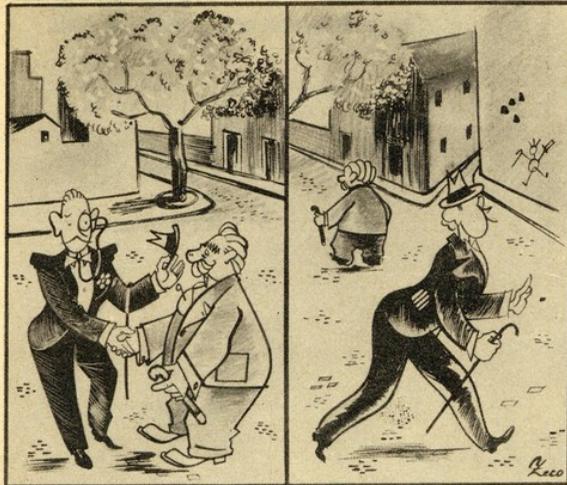
Figuras da Vida **MUNDIAL**



Mahatma Ghandi, o chefe hindú que acaba de fazer desencadear no seu imenso país um movimento de desobediência civil, que as autoridades britânicas estão procurando dominar. Figura predominante do momento internacional, eis como a vê, através de uma caricatura bem expressiva, o nosso distinto colaborador Santana.

MENTIRAS

6 POR ZECO



— Adeus, meu bom amigo!
Estimo muito vê-lo...

— ...Estimo muito vê-lo...
pelas costas.

A' VOLTA DO «FADO»

(Continuação da pág. 17)

simbolizada em três aspectos que correspondem a três pancadas da sorte.

Em face da vida real agitava-se a sensibilidade do artista. Reproduzir a verdade foi o seu grande anseio. E a vida que o empolga e não as tendências de um temperamento de pintor que a arte fantásticamente empolgasse. Se alguns dos seus quadros brilham cheios de sol, se têm alegria, ingenuidade mesmo, foi porque ele recebeu do exterior essa influência, nenhuma das suas telas obedece a um estado de alma em que o espírito inquieto altere a realidade. Malhoa não inventa, reproduz.

«O Fado» é concebido nas mesmas circunstâncias. Enquanto o artista não descuida o mais pequeno elemento, o analista vai-se confrangendo ao contacto doloroso

dos factos. E o pintor começa neste pedaço do seu album como um grito de revolta essa história sempre repetida e que a sociedade sempre desconhece:

«Era uma vez...»

Depois desistiu da história. Ficou só o quadro como documentário vivo de uma época que passou, onde não é descuidado o mais pequeno pormenor.

Com o decorrer do tempo só o pormenor se altera, perdendo a actualidade, mas fica noutra ambiente toda a essência do quadro. Malhoa ainda hoje podia fazer o «Triptico».

Se o assunto deste quadro pode ser discutível por demasiado cru e realista, não deve esquecer-se que a verdade caminhava a par de uma intenção moral — como este documento acusa.

E não seria de facto essa a intenção do pintor?

NO CAMPO
NA PRAIA
NAS EXCURSÕES

faça-se acompanhar dum gramofone portátil



Columbia
que lhe dará a música que quiser e quando quiser

AGULHAS — DISCOS
Grande variedade

Est. VALENTIM DE CARVALHO
Rua Nova do Almada, 97



UM GRUPO DE FERROVIÁRIOS e pessoas de suas famílias que no domingo passado efectuaram o seu passeio anual — desta vez ao Alfeite.

HISTORIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

(Conclusão da pág. 5)

NO DIA DA FESTA NACIONAL FRANCESA

No dia 14 de Julho, dia da festa nacional da França, o Primeiro Ministro britânico dirigiu-se à população francesa num discurso radiodifundido em que relatou as circunstâncias que haviam rodeado a acção contra os navios da antiga aliada e expunha os resultados conseguidos:

«A nossa tarefa era penosa mas não podíamos deixar de a cumprir. Num porto marroquino encontra-se ainda, por acabar, o navio de linha «Jean Bart». Há outros navios franceses em Toulon e em diversos portos espalhados pelo mundo. Mas a sua utilização eventual já não pode atingir a preponderância naval de que precisamos dispor para continuar e concluir a

nossa luta. Se não fizerem qualquer tentativa que nos leve ao convencimento de que querem dirigir-se a portos controlados pelos alemães ou italianos podem estar certos de que nenhum mal lhes acontecerá. Pelo que nos diz respeito consideramos encerrada esta fase tristíssima das relações de amizade entre os nossos dois países.»

Em seguida o chefe do governo inglês disse: «Quando temos um camarada e um amigo que se bate ao nosso lado numa luta tremenda, quando esse amigo é esse camarada, atingido por um golpe do inimigo, deixa cair a arma que tinha utilizado, é indispensável, aquêle que continua na luta, evitar que essa arma venha a ser empregada por eles. A desgraça do que caiu não é, porém, legítimo acrescentar qualquer recriminação. Pelo contrário, a obrigação do que permanece de pé é, fazer com

que, o mais rapidamente possível, possa erguer-se aquêle que tomou. É esse o nosso pensamento profundo em relação à França. Os nossos interesses continuam a ser idênticos e é imutável a nossa amizade.»

O discurso de Churchill, que relatava incidentes tão desagradáveis, concluiu por um incantamento à França vencida e aos seus filhos:

«As exigências imperativas da guerra, a necessidade de destruímos a lei de ferro de Hitler, obrigou-nos a proceder assim. Mas é convicção minha que no espírito de cada francês há uma compreensão clara das necessidades a que tivemos de nos submeter. E que não só a França mas todos os países oprimidos da Europa sentem que cada vitória britânica é um passo dado no caminho da libertação e da vitória que a todos acabará por salvar e redimir.»

(Continua)

Panorama Internacional

A Vitória e o Tempo

Conclusão da página 15

ligerantes e fazer parte integrante ou simplesmente convergente dos seus fins.

A posição britânica já é conhecida pela boca de Stafford Cripps cuja intervenção marca iniludivelmente um artista político, para quem, como nós e muita gente, conhece o caso da Índia: — a Inglaterra ofereceu à Índia perentoriamente a sua independência no fim da guerra, com a categoria de Dominio no *Commonwealth*, e ainda mais, ofereceu-se para dar assistência e cooperação na edificação constitucional como medianeira entre o Partido do Congresso, os Muçulmanos e os Estados Minoritários, entre si rivais, e que não admitem o exclusivo de poder para um partido. Até lá, a Inglaterra, desde logo dando ao governo da Índia uma composição indú, menos o Secretário e o Viso-Rei, apenas conclama a Índia à defesa própria, isto é do seu território nacional, contra o invasor japonês. Pense-se como se pensar a respeito da questão da Índia, é irrecusável a perfeita lealdade de uma tal atitude.

Pois vejamos agora, à face de textos oficiais, o que pensam os chefes do movimento de desobediência civil, ao reclamarem, com o inimigo a dominar a Birmânia e a ameaçar Calcutá e a foz do sagrado Ganges, que os ingleses (e os americanos) abandonem a Índia. No dia 27 de Maio, Togo, o presidente do conselho de ministros do Japão, declarou perante a Dieta, ou Parlamento japonês: «Como todos os pontos estratégicos britânicos para a defesa da Índia se encontram presentemente nas mãos das tropas imperiais, o povo hindu tem uma ocasião única para obter a sua independência que há muito deseja. O facto das negociações anglo-hindus nas quais Cripps desempenhou um papel principal, terem sido interrompidas sem se chegar ao mais pequeno resultado, é uma prova de que a Índia neste momento espiritualmente já não está ao lado da Grã-Bretanha. Eis porque podemos já afirmar tranquilamente que as bases do domínio britânico já não existem na Índia e que os primeiros passos importantes para a independência da Índia já foram dados. Enquanto as tropas anglo-americanas estiverem na Índia o Japão estará decidido a desalojá-las». Por sua vez, na mesma sessão, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Togo, disse: «O Japão não tem pensamentos hostis em relação a 400 milhões de hindus. O Japão não deseja que se derrame nem uma gota de sangue hindu. Espera que os chefes hindus aproveitarão esta ocasião única para caminharem no sentido de criarem «uma Índia para os hindus», forçarem assim a libertação da Índia e a sua reconstrução». No dia 4 de Junho, na mensagem secreta de Gandhi ao Partido do Congresso, lia-se: «A contenda do Japão não é com a Índia, mas sim com o Império Britânico... Se a Índia fosse livre, o seu primeiro passo seria negociar a paz com o Japão.» Chandra Bose, chefe dos partidários do seixo na Índia, disse por sua vez em Berlim no dia 9:

«A Índia nada tem que ver contra o Japão, e o Japão contra a Índia. Uma Índia livre negociaria com o Japão na base de uma paz honrosa, paz que a China também poderia ter se se libertasse dos patrões norte-americanos». Eis agora o trecho do último comunicado oficial do governo da Índia, composto quasi totalmente de hindus, em Nova Delhi: «Desde que foi tornada pública a resolução do Congresso, Gandhi manifestou por várias vezes, o seu desejo de visitar Tóquio como enviado da administração independente da Índia para negociar a paz em nome da China e da Índia». Todos dizem a mesma coisa, como se vê. Posto isto, vejamos o que se passa, e como, desta vez, basta rever, de relance mas com propriedade, as informações, vamos fazê-lo. Em 18 de junho, em Wardha, Gandhi parecia outro. Advogava em entrevista concedida à Reuter, «um tratado entre as Nações Unidas e a Índia para a defesa da China contra a agressão japonesa». Chandra Bose, numa conferência reunida em Bangkok, pedia «planos concretos e medidas positivas» dos indús para reaverem a sua liberdade. E concluía num discurso proferido no dia 18: «A política interior da Índia livre será exclusivamente assunto do próprio povo indú. Pelo contrário, a política externa deve efectuar-se em colaboração com as Potências do Pacto Triplice. Quando a Índia for livre, é aos indus que compete decidir o regime político que desejam».

Com isto não andava de acordo o chefe liberal Setavalid que dizia, e com razão, que a reentrada inglesa da Índia neste momento, facilitaria a conquista pelo Japão. Não seria ela evidentemente assim tão amena porque Wavell levantou 1.500.000 homens, mas enfim... Na base de um conagração nacional ou, se quiserem, nacionalista, entablaram-se negociações com a Liga Muçulmana, e Nehru a 29 desse mês pregava em Bombaim não só o dever de repelir o invasor mas o auxílio estrénuo à China. E ia até mais longe: «Se quisermos que a Índia se defenda, é preciso proceder-se à organização de um governo livre que conclua alianças com a China, os Estados Unidos, a Rússia e a Grã-Bretanha».

O VOLTA-FACE



GANDHI

Mas Gandhi vem logo a 8 de julho atrás de Nehru reclamar que a Inglaterra largue o governo mas dê tropas suas para a defesa do país. Era cómodo. No dia seguinte, o Mahatma assumia a direcção do Congresso. Três dias depois o Congresso aprovava uma proposta dele para ser desencadeado o movimento da desobediência civil, embora uma fracção a que se juntara o próprio vice-presidente, sugerisse que a decisão fosse adiada até desanuviamento da situação internacional. A que obedecera esta mutação de frente? Disse-se que a um relatório da secretaria de Gandhi, a convertida inglesa Madeleine Slane, que usa agora o nome de Mira Belin, irmã política daqueloutro sua compatriota, que andou pela Alemanha a aclamar Hitler como apóstolo da paz e veio trazida em braços e quasi exangue para Inglaterra. Não se sabe se há mais alguma inglesa destas no Japão, para amostra.

Com película
Kodak
terá a certeza de
obter melhores
fotos.

A película Kodak corrige os vossos erros de exposição e faz a «foto» onde e quando qualquer outra falha.

A venda nas boas casas de artigos fotográficos.

KODAK, Ltd.
R. GARRETT
LISBOA

A decisão do Congresso repudiava — note-se bem — a carta de Domínio. Reivindicava a independência. Golapachari, antigo ministro da presidência de Madrastra, ainda interveio conciliador, mas inutilmente. A 14, a primeira decisão recua para termos de uma aceitação da defesa militar pela Inglaterra. O pedido da retirada dos ingleses do poder é intimado a Nova Delhi. Gandhi proclamava em Wardha, a 15: «É uma rebelião declarada». O governo ainda tenta conciliar a decisão aos votos aporatórios das minorias. O Congresso, contra a esmagadora opinião pública, recusa. Jimah, o prestigioso chefe dos muçulmanos, corta-lhe o passo: «Gandhi brandiu a espada, antes de lançar o grande movimento, pedindo que os ingleses deixem a Índia, mas, ao mesmo tempo, concorda em que é necessário conservar as tropas britânicas para defender a Índia! Gandhi com a palavra independência, quer significar apenas a do Congresso!».

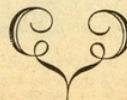
A população da Índia é de 389 milhões de habitantes. O Partido Nacional Indiano repele a decisão do Congresso. A 19 — note-se bem — Gandhi já declara: — «Não queremos as tropas aliadas a proteger-nos». A 24, a Liga Muçulmana levanta-se contra Gandhi, acusando-o de trair os interesses da liberdade em benefício do Japão. Cripps acode aos Comuns, e denuncia, a 26, o volta-face de Gandhi que chegara a concordar com ele em que a sua decisão neste momento seria o caos e a desordem. Jinnah, a 30, chama ao movimento uma chantagem. Cripps, a 8 de Agosto, publica o relatório das suas intervenções lealíssimas. A 7, é a declaração oficial do movimento em Bombaim. Dois dias depois o governo, composto de indús, repele a ameaça e declara que continuará a guerra e conduzirá a Índia, apoiado nas minorias, que de forma alguma aceitam a ditadura do Congresso, para o seu destino político. Os chefes ripostam, ordenando o movimento. O resto já ao leitor fica dito. A 15 de Agosto, após enérgica defesa da ordem, a agitação, restrita a cinco ou seis grandes centros, desinchava. Os chefes estavam há seis dias isolados

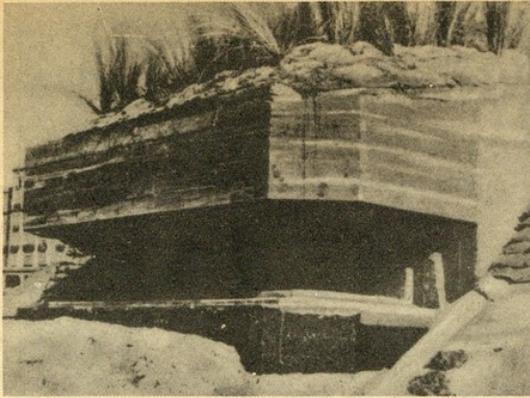
pelo governo no magnifico palácio de Aga-Kan. Abrelkrim, por insurreccionar Marrocos contra a Espanha e a França, tendo a seu lado por instigador Jacques Doriot (que esteve para ser mandado fuzilar por Pétain, ó céus!) está presidirio na Ilha da Reunião. Compare-se.

As tentativas de solução de Golapachari, assim como o governo em Londres rejeitou a reabertura dos Comuns para discutir a questão, assim o da Índia, formado por indús na quasi totalidade, não se mostra disposto a transigir, alegando que o movimento de desobediência civil, visou designadamente a interrupção de comunicações e dos serviços públicos, a organização de greves, a interferência com as medidas de defesa, incluindo o recrutamento, a paralisação da produção de munições, da construção de aeródromos e de abrigos contra «raids» aéreos e a provocação de deslealdade por parte dos funcionários públicos, objectivos estes perante os quais governo algum pode cruzar os braços. A imprensa britânica e americana aplaudia a resolução de Nova Delhi, e o próprio «Daily Herald» que se manifestava contrário ao isolamento preventivo dos chefes, aliás, repetimos, num riquíssimo palácio, não hesitava em afirmar que a não-violência de Gandhi lhe parecia «disfarce dum pensamento claro», — o qual é de impossibilitar na luta contra o Japão e a Alemanha às Nações Unidas a utilização das formidáveis bases da Índia! Um comentador militar suíço de Berne, declarava: «Se a Índia se proclamasse em rebelião, todos os seus portos deveriam ser cedidos como bases navais ao Japão que, mal ferido em Madagascar e em Ceilão, poderia, então, dominar desde Singapura ao Golfo Pérsico. A China não mais receberia abastecimentos de guerra. A Austrália seria garrotada. Mais de metade do Pacífico seria perdido para a América. O Iraque e a Pérsia seguiriam o mesmo exemplo. O Império Britânico teria acabado.»

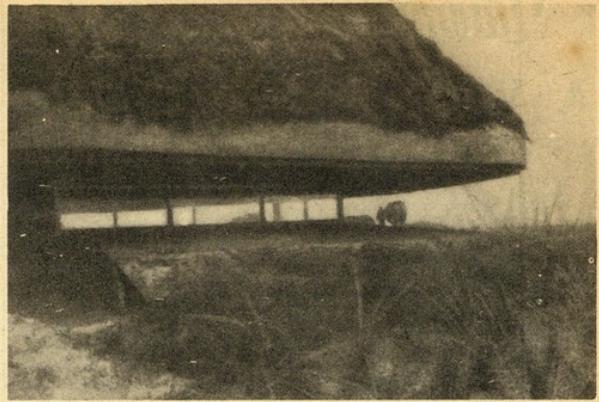
...E assim termina a oitava em sobressaltos tão sacudidos que Laval mobiliza, de acordo com Von Rundstedt, a policia e a guarda móvel, contra uma eventual invasão do continente secundada pela agitação interna, tomando medidas de guarda e precaução em Vichy e Clermont-Ferrand. *Cosí va il mondo!*

15-8-42.

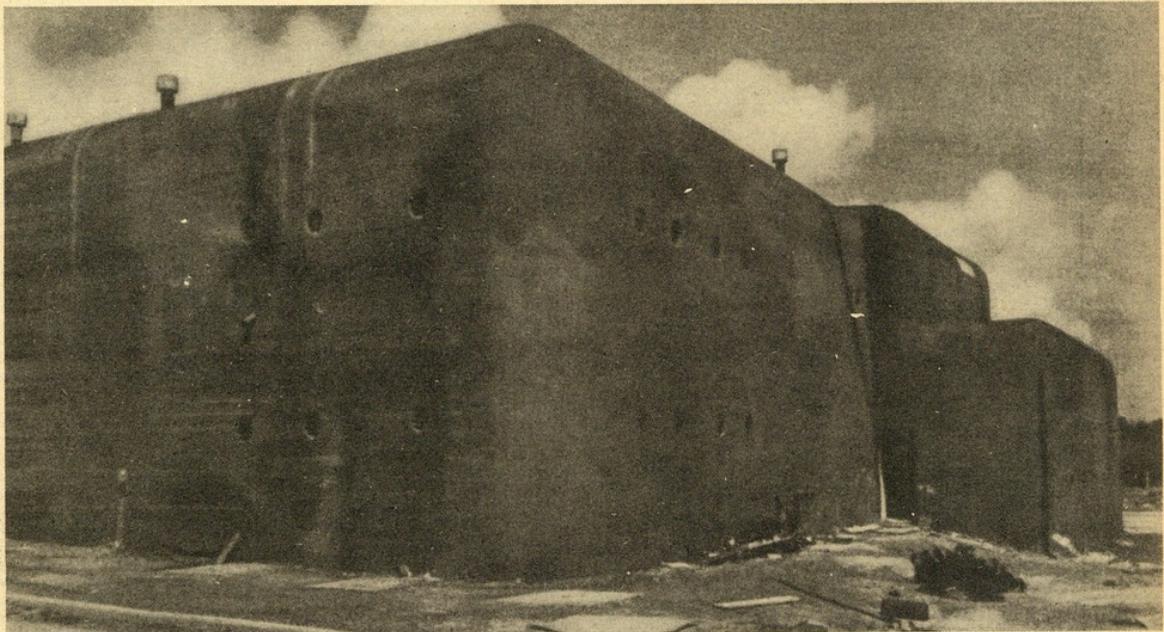




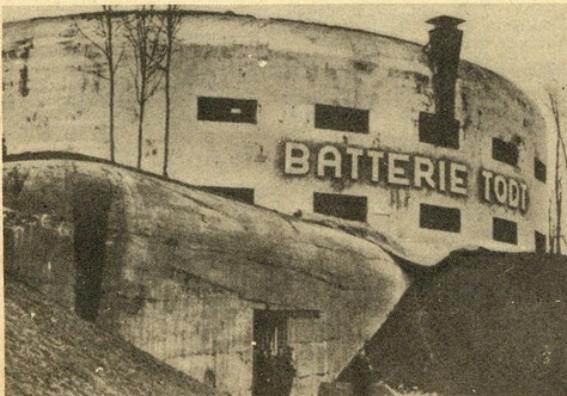
Vai criar-se a segunda frente? Irá fazer-se em data mais ou menos próxima um ataque ao continente europeu? A cautela, os alemães estão fazendo intensos preparativos para repelir essa invasão. Aqui vemos, por exemplo, uma das poderosas «casas-matas» construídas em cimento armado na costa francesa.



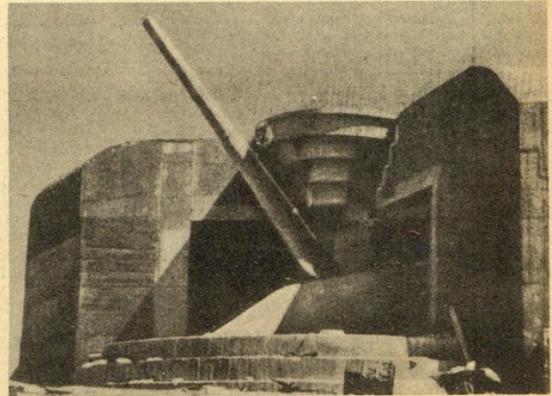
Uma posição de projectores, devidamente camuflada, na costa do canal. Está montada de forma a descobrir facilmente os aviões inimigos sempre que estes procurem voar, para atacar com as suas bombas poderosas, o território actualmente ocupado pelas tropas do Reich.



Uma das fortalezas maciças na costa do Atlântico. Monstro de cimento e aço, nelas confiam os alemães para fazer frente, no momento próprio, à investida certamente bem violenta das tropas de assalto das nações unidas. Estão bem preparadas para resistir aos bombardeamentos aéreos e aos ataques da artilharia de grosso calibre.



Um dos baluartes «Todt», obra de engenharia da famosa organização que leva o nome do famoso construtor da linha Siegfried, que o Reich pôs de pé como réplica à linha Maginot.



Outro tipo de «casa-mata» que os alemães vêm construindo, em grande número, na zona ocupada da França. Mas será toda esta linha de cimento e aço capaz de resistir à invasão?



Voronej tem sido a testa de ponte que os russos, ainda que à custa de grande sacrifício de homens e de material, têm procurado manter. Os alemães, porém, não esmorecem no seu combate ao inimigo. E éste tem sido obrigado a ceder, embora defendendo o terreno palmo a palmo. Aqui vemos uma fábrica de Voronej incendiada pelos russos antes da sua retirada para outras posições.



Batalha de uma violência sem igual na história, a campanha do Don tem constituído uma das etapas mais difíceis da avanço alemão. Esta foto mostra-nos as forças do Reich fazendo a travessia do rio Don, em determinado sector da frente, através duma ponte que os russos, na sua retirada, fizeram submergir.



A conquista de Rostov pelos soldados do Reich representaria para os alemães a primeira porta aberta no caminho do Cáucaso. Certos disso, os russos procuraram defender Rostov com o maior encarnecimento, mantendo inclusivamente um furioso combate de ruas. Os alemães, porém, utilizando todos os meios de guerra, conseguiram abrir brecha na defesa inimiga, acabando por tomar a cidade.



Um chefe militar inglês

em plena
batalha

do **DESERTO**

Viola
MUNDIAL
Ilustrada

O GENERAL AUCHINLECK, a cuja direcção militar se deve a resistência imposta em El Alamein à ofensiva de Rommel, anda permanentemente no campo das operações a orientar os movimentos estratégicos. É assim, verdadeiramente, um autêntico chefe militar. A foto desta página mostra-o na frente de batalha conferenciando com o comandante da 50.ª divisão britânica.